

LETRAMENTO LITERÁRIO E AMPLIAÇÃO DE REPERTÓRIO: A AMBIGUIDADE NA CONSTRUÇÃO DAS PERSONAGENS MACHADIANAS EM TEXTOS ORIGINAIS E ADAPTAÇÕES

MARIELE FURTADO DE BARROS GOMES

Prof. Dr. Marco Aurélio de Sousa Mendes





[inserir ficha catalográfica]

<http://www.ufjf.br/biblioteca/servicos/usando-a-ficha-catalografica/ficha-catalografica/>

FICHA TÉCNICA

Organizadores

Elza de Sá Nogueira
Érika Kelmer Mathias
José Carlos Gonçalves
Luciana Teixeira
Lucilene Hotz Bronzato
Marco Aurélio de Sousa Mendes
Natália Sathler Sigiliano
Patrícia Pedrosa Botelho
Thais Fernandes Sampaio

APRESENTAÇÃO DA COLEÇÃO

A necessidade de se repensar a educação, como forma de alteração positiva de realidades, cria também uma exigência de se estabelecerem caminhos que reinventem o processo de formação docente. Nesse contexto, o PROFLETRAS – Mestrado Profissional em Letras, erigido sob indução da CAPES – reúne hoje 49 (quarenta e nove) Instituições Associadas (IA) de todas as regiões do país e tem cumprido uma agenda pedagógica relevante nos processos de formação continuada de professores e, de maneira especial, na mudança de realidade da educação brasileira. Isso porque o programa tem o grande diferencial de ser voltado exclusivamente para professores de português que estão efetivamente atuando na rede pública de ensino e, além disso, tem como Trabalho de Conclusão Final (TCFs) uma proposta de natureza necessariamente interventiva.

A Universidade Federal de Juiz de Fora (Faculdade de Letras em parceria com o Colégio de Aplicação João XXIII) se constitui como uma IA nesse Programa e, buscando enfrentar o desafio de uma escola contemporânea ao século XXI, propõe uma nova coleção de Cadernos Pedagógicos Digitais, por meio dos quais são apresentados os TCFs de sua terceira turma. Na coleção aqui apresentada, cada um dos doze Cadernos descreve o trabalho interventivo desenvolvido por um professor-pesquisador, sob orientação de um docente do Programa. Cada Caderno se faz acompanhar ainda de um documento com a fundamentação teórico-metodológica adotada e a análise da proposta desenvolvida.

As propostas de intervenção apresentadas são múltiplas e envolvem diferentes aspectos dos processos de ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa. Seja focalizando os processos de letramento literário, as estratégias de ressignificação das práticas interacionais, a proposição de novas práticas para a leitura e escrita de gêneros, perpassando questões sobre análise linguística, ou mesmo a inserção de novas tecnologias digitais no ensino, todos os trabalhos procuram responder à meta do PROFLETRAS de se tornar um espaço para o desenvolvimento de pedagogias que efetivem a proficiência em letramentos dos alunos que cursam os nove anos do ensino fundamental.

Ao inovar no formato do trabalho de conclusão dos mestres que está formando, o PROFLETRAS/UFJF sinaliza duas preocupações importantes. Primeiro, desejamos que o conhecimento aqui produzido circule do modo mais fácil e democrático possível. A ambição é que, através da ampla divulgação desses trabalhos de conclusão, provoquemos mudanças não apenas na prática pedagógica dos professores que formamos, mas que as ideias aqui plantadas possam gerar mudanças também no ensino de Língua Portuguesa realizado diariamente em inúmeras salas de aula de todo o país.

Ademais, a criação de um Caderno Pedagógico Digital traz ainda a economia de milhares de folhas de papel – uma boa lição a ser repassada por professores-pesquisadores da escola fundamental.

Portanto, da mesma forma como a elaboração destes trabalhos exigiu ressignificação das práticas de salas de aulas reais, esperamos que este caderno ofereça a você, leitor, novos olhares e novas perspectivas para o ensino de língua portuguesa.

APRESENTAÇÃO DO PROJETO

Caro Professor e Cara Professora,

Compreendendo o letramento literário como um processo na vida do ser humano, que tem na escola um espaço relevante de incentivo e de construção, produzimos este Caderno Pedagógico com uma proposta de intervenção literária desenvolvida para uma turma do 7º ano do ensino fundamental, envolvendo o estudo das personagens machadianas em obras originais e adaptadas do autor.

Este projeto é resultado de uma pesquisa realizada no Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora e está ancorado no macroprojeto “Intervenções pedagógicas no ensino de literatura: inter-relações entre adaptações literárias”, desenvolvido pelo professor Dr. Marco Aurélio de Sousa Mendes.

Assim, visando à ampliação de repertório no processo de letramento literário de nossos estudantes, planejamos uma proposta de intervenção organizada em cinco etapas, partindo da primeira aula com uma atividade de motivação denominada “Entre o real e o fictício: construindo Machado de Assis por meio da ilustração”, com o objetivo de despertar o interesse dos discentes em relação às formas de construção desses seres por meio da linguagem. Além disso, ainda na atividade de motivação, exibiremos uma parte do documentário “Machado de Assis: um mestre na periferia” para apresentar o autor de uma forma mais leve, dinâmica e visual.

Na primeira etapa, que denominamos de “Literatura e adaptação: a personagem na linguagem em quadrinhos”, apresentaremos a adaptação em quadrinhos da obra *O Alienista* de Cesar Lobo e Luiz Antonio Aguiar. Desse modo, nosso objetivo é aguçar o olhar dos discentes em relação à construção da personagem protagonista Simão Bacamarte por meio da linguagem em quadrinhos.

Já na segunda etapa, que chamamos de “Literatura e adaptação: a personagem na linguagem televisiva”, almejamos prosseguir no estudo da construção da personagem protagonista Simão Bacamarte, agora por meio da linguagem televisiva, com a adaptação de Guel Arraes, levando em consideração todos os recursos audiovisuais dispostos para isso.

Ainda nessa segunda etapa, seguiremos o estudo confrontando as adaptações televisiva e em quadrinhos de *O Alienista* para introduzir os conceitos de personagem plana e esférica por meio da análise das personagens Simão Bacamarte, D. Evarista, Porfírio, Crispim Soares e Padre Lopes, permitindo, então, que os estudantes percebam a complexidade existente na criação e na arquitetura desses seres fictícios, demonstrando que as características físicas, psicológicas e comportamentais de cada personagem são consideradas para sua classificação nesse sentido, além disso identificaremos a ambiguidade presente na caracterização de algumas dessas personagens.

Na terceira etapa, que nomeamos de “Perfis machadianos”, nosso objetivo é trabalhar três fragmentos que apresentam perfis de personagens inesquecíveis, selecionados pela obra Machado para jovens leitores, organizada por Ana Cristina Chiara et al., são eles: “José Dias”, “O administrador interino” e “Conselheiro Aires”. Dessa forma, continuaremos a atividade de identificação entre personagens planas e esféricas nesses textos e de estudo da ambiguidade na construção desses seres.

Passando à quarta etapa, denominada de “Personagens em contos”, aprofundaremos nossa análise com a leitura de dois contos, *O diplomático* e *Conto de escola*, a partir dos quais estabeleceremos o reconhecimento dos tipos e da construção ambígua das personagens que compõem as obras.

Por fim, na quinta etapa, a que chamamos de “Personagem em diálogo”, avaliaremos a aprendizagem de nossos estudantes por meio de uma atividade de produção textual de um diálogo entre Simão Bacamarte e uma personagem plana escolhida pelos discentes dentre as estudadas nas adaptações, nos perfis ou nos contos. Dessa forma, os alunos deverão criar um diálogo entre as personagens por meio de aplicativo de mensagens instantâneas demonstrando a transformação da personagem plana em personagem esférica, além da ambiguidade em seu discurso e comportamento. Todas as atividades planejadas para as etapas do projeto serão registradas no diário de leitura, exceto as atividades orais.

Desejamos um excelente trabalho a você e esperamos contribuir em sua prática com algumas ideias e reflexões.

[BAIXAR DISSERTAÇÃO](#)

SUMÁRIO

MOTIVAÇÃO DA ETAPA 1 – p. 09

ETAPA 1: LEITURA E ATIVIDADES PROPOSTAS – p. 12

MOTIVAÇÃO DA ETAPA 2 – p. 18

ETAPA 2: LEITURA E ATIVIDADES PROPOSTAS – p. 20

MOTIVAÇÃO DA ETAPA 3 – p. 24

ETAPA 3: LEITURA E ATIVIDADES PROPOSTAS – p. 24

MOTIVAÇÃO DA ETAPA 4 – p. 30

ETAPA 4: LEITURA E ATIVIDADES PROPOSTAS – p. 31

ETAPA 5: ATIVIDADE AVALIATIVA: PRODUÇÃO TEXTUAL – p. 51

MOTIVAÇÃO: “ENTRE O REAL E O FICTÍCIO: CONSTRUINDO MACHADO DE ASSIS POR MEIO DA ILUSTRAÇÃO” (2 AULAS)

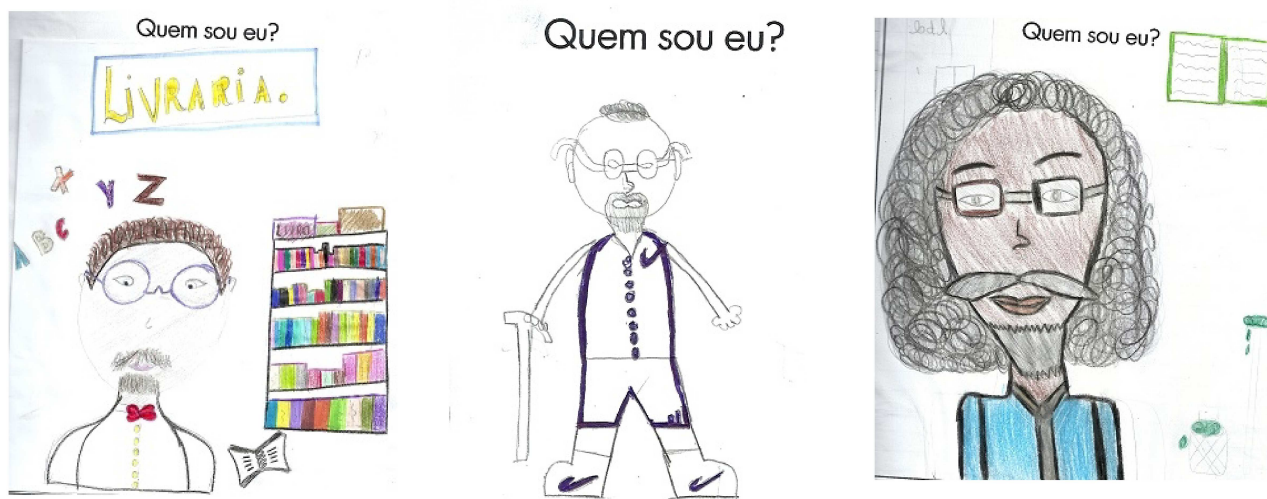
1º momento

Almejando despertar o interesse dos discentes em relação às formas de construção das personagens por meio da linguagem, o professor vai propor à turma uma atividade envolvendo a ilustração de uma pessoa a partir de informações fornecidas oralmente. Assim, os estudantes deverão ouvir as informações e, então, ilustrar a figura no diário de leitura. Dessa forma, o docente iniciará a atividade com as seguintes informações:

- 1) Vivi até meus 69 anos, tendo nascido no Morro do Livramento no Rio de Janeiro.
- 2) Os óculos me acompanharam até meus últimos dias.
- 3) Como vivi entre os séculos XIX e XX, minhas roupas eram de um senhor elegante.
- 4) Minha barba média era característica marcante em meu rosto.
- 5) Meus olhos eram amendoados, o nariz e os lábios médios.
- 6) Era mulato e tinha os cabelos negros ondulados e cortados curtos como se cortava na época em que vivi.
- 7) De origem humilde, nunca frequentei regularmente a escola, mas sempre fui apaixonado pela escrita e pelos livros.
- 8) Minha mãe era lavadeira e meu pai um pintor.
- 9) Fiquei órfão de mãe cedo, por isso fui criado por meu pai e minha madrasta, que era uma boa mulher, pois continuou a cuidar de mim com zelo mesmo após a morte de meu pai.
- 10) Ainda jovem, comecei a trabalhar como tipógrafo em um jornal, tendo logo depois me tornado jornalista.
- 11) Tornei-me poliglota, pois sempre fui um apaixonado pelas línguas.
- 12) Casei-me com Dona Carolina Augusta Xavier de Novais, meu único e grande amor, que cuidou de mim em todos os momentos difíceis de minha vida, principalmente, quando as crises epiléticas ficaram mais severas e frequentes.
- 13) Trabalhei por muitos de minha vida como funcionário público.
- 14) Também fui um dos fundadores e presidente da Academia Brasileira de Letras.
- 15) Sou um escritor que tem como matéria de seus livros a vida dos homens, suas escolhas, seu caráter, seus desejos, enfim, a sociedade.

*Descrição elaborada pela professora-pesquisadora com base em biografias encontradas em páginas da internet.

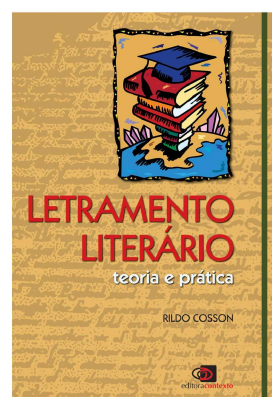
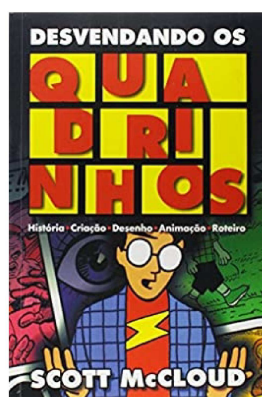
Após terminarem as ilustrações, o professor vai propor que cada aluno apresente seu desenho salientando os traços marcantes que buscou representar. Abaixo, exibimos algumas das ilustrações realizadas durante nossa intervenção.



Prosseguindo com a interação, o docente revelará que a pessoa representada pelos estudantes na ilustração é o autor Machado de Assis, o qual foi o mais apontado pelos discentes no questionário investigativo de perfil de leitor da turma e, por isso, algumas de suas produções serão estudadas pela classe na intervenção pedagógica que se iniciará.

Dessa maneira, após esse momento de discussão, o professor convidará a turma a participar do projeto e explicará que, conforme também apurado no questionário respondido por eles, a temática será sobre as personagens machadianas, por isso os estudantes participarão de atividades de leitura e análise dos textos sempre tendo em vista o elemento narrativo personagem.

Professor, se você desejar conhecer um pouco mais o universo dos textos em quadrinhos, sua produção, técnicas e metodologias de ensino que podem ser utilizadas em sala de aula, leia os livros *Desenhando quadrinhos* e *Desvendando os quadrinhos* do escritor Scott McCloud. Já a respeito do conceito de letramento literário e seu desenvolvimento no espaço escolar, sugerimos *Letramento Literário* do professor Rildo Cosson.



2º momento

Fechando as aulas de motivação, o docente exibirá a parte inicial do documentário “Machado de Assis: um mestre na periferia” ([clique aqui para assistir ao vídeo: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=20766](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=20766)), com duração de 6:19, produzido pela TV Escola, que trata da vida do autor, sua infância no Morro do Livramento, Rio de Janeiro, sua iniciação na escrita e sua ascensão como expoente na Literatura Brasileira. Nosso objetivo é apresentar o autor de uma forma mais leve, dinâmica e visual aos estudantes, já que eles terão contato com textos do escritor por um razoável tempo durante os próximos bimestres escolares.

Finalizada a exibição, o docente iniciará uma atividade oral, uma conversa, com os alunos a respeito de alguns pontos do documentário.

- 1) No início do documentário, Machado de Assis é chamado, dentre outros nomes, de Bruxo do Cosme Velho. Você imagina por quê? (O docente vai provocar conjecturas nos estudantes, tanto em relação à semelhança com um bruxo, quanto no que se refere ao nome Cosme Velho.)
- 2) Alguém já ouviu falar ou conhece o Morro do Livramento no Rio de Janeiro?
- 3) Crescendo em uma família humilde e perdendo os pais ainda jovem, Machado de Assis começa a trabalhar como tipógrafo aos dezesseis anos. Você saberia dizer o que fazia um tipógrafo? Ainda existe essa profissão?
- 4) Depois de trabalhar como tipógrafo, Machado de Assis tornou-se revisor de textos e, em seguida, foi admitido como jornalista no Correjo Mercantil. Assim, prosseguiu conquistando admiração e respeito como jornalista, funcionário público e, sobretudo, como escritor. O que você destacaria como ponto interessante nessa trajetória do autor?
- 5) Observando onde Machado de Assis nasceu e seu itinerário nas letras, o título do documentário é adequado? Por quê?

Professor, a motivação é uma atividade muito importante para todo o processo interventivo, uma vez que, por meio dela, desejamos alcançar a adesão dos estudantes ao projeto. Assim, busque envolver os discentes nas atividades, valorizando toda participação deles.

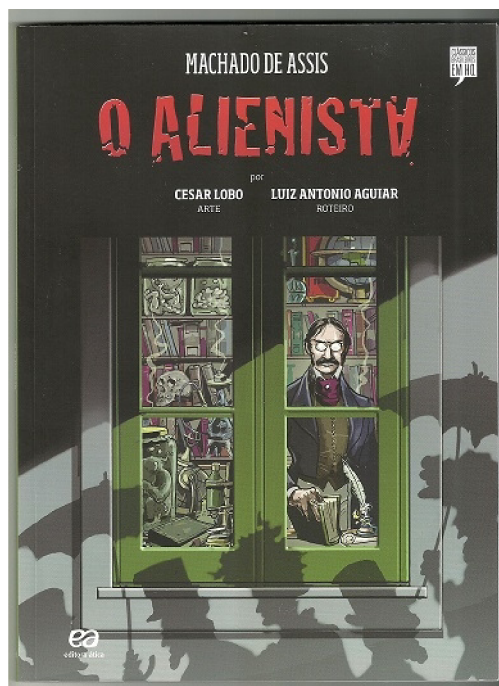
Etapa 1: “Literatura e adaptação: a personagem na linguagem em quadrinhos” (09 aulas)

Leitura protocolada do livro *O Alienista em quadrinhos* (03 aulas)

Objetivos: Levar os discentes a perceberem as diferentes linguagens empregadas nas adaptações televisiva e em quadrinhos da obra *O Alienista*.

Aprofundar o conhecimento dos estudantes em relação à leitura de imagens nos quadrinhos.

Iniciando o projeto e buscando motivar os estudantes, o professor discutirá com os alunos a capa do livro e a sua estrutura e linguagem em quadrinhos, chamando a atenção para os recursos visuais da adaptação que contribuem para a significação e representação da obra. Ademais, também discutirá a questão da adaptação da obra *O Alienista* para a linguagem em quadrinhos. Assim, o docente iniciará questionando:



- 1) O que podemos observar na capa do livro? Descrevam os elementos que a compõem.
- 2) Levantem hipóteses: que lugar poderia ser esse representado? Justifique sua resposta citando os elementos que compõem a capa.
- 3) Levantem hipóteses: observando o título da obra, qual a razão da inversão de posição da letra “A” no nome “alienista”?
- 4) Vocês sabem o que é uma obra literária adaptada? Saberiam dizer o que é adaptação? (O docente deve instigar os alunos a expressarem o que conhecem sobre adaptação. A seguir, deve explicar para a turma o conceito e apresentar exemplos de domínio da turma.)

- 5) Na capa do livro, constam mais dois nomes além do nome de Machado de Assis. Por quê?
- 6) Como vocês imaginam que a história será narrada nessa adaptação em quadrinhos?
- 7) Levantem hipóteses: vocês sabem o que é um alienista? (O professor provocará as hipóteses para que a turma participe e se envolva na discussão. Caso não descubram, o docente deve explicar.)
- 8) Atualmente ainda utilizamos esse substantivo para nomear os profissionais da área de psiquiatria?
- 9) Observando a representação da personagem na capa do livro, o que podemos elencar como possíveis características dela?
- 10) Levantem hipóteses: o que acontecerá com esse alienista no texto que leremos?

Professor, a adaptação em quadrinhos de *O Alienista* será dividida em três partes com o objetivo de provocar o olhar dos leitores quanto ao processo de construção da personagem Simão Bacamarte.

Desse modo, na primeira parte da leitura, os seis primeiros capítulos, que apresenta a personagem Simão Bacamarte e a instauração da Casa Verde, o professor organizará a leitura em sala de aula de forma compartilhada e protocolada, projetando o texto por meio do datashow. A fim de orientar os discentes, antes de iniciar a leitura, o docente entregará também as seguintes questões aos estudantes:

- 1) Como é apresentada a personagem Simão Bacamarte nesta primeira parte da leitura?
- 2) Observando a parte visual da narrativa, a linguagem não verbal, o que podemos indicar como elemento que reforça e ilustra a personalidade de Simão Bacamarte nesta primeira parte da leitura?
- 3) Que outras personagens são apresentadas na narrativa?
- 4) Quais elementos da linguagem não verbal na narrativa contribuem para a caracterização dessas personagens?
- 5) Como é apresentada a ideia de criar uma casa de internação para loucos em Itaguaí?
- 6) Qual era o interesse de Simão Bacamarte em criar uma casa de internação para loucos em Itaguaí?
- 7) Que elemento não verbal nos ajuda a compreender o interesse da personagem em criar uma casa de internação para loucos em Itaguaí?
- 8) Levantem hipóteses: quem poderia ser essa figura em preto e branco que aparece em determinados momentos da narrativa em quadrinhos?

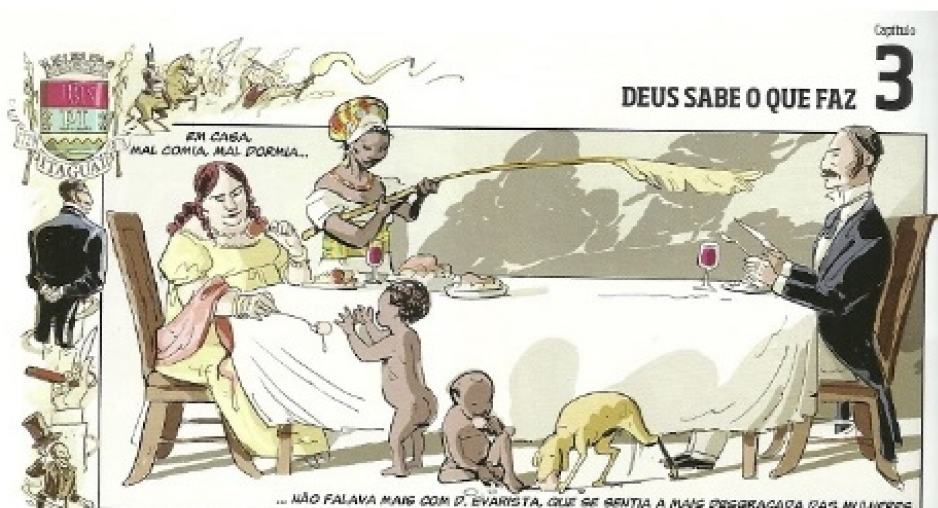
9 – Observando o enquadramento da cena abaixo, o foco do quadrinho centra-se:



- a) no Dr. Bacamarte, para expressar seu entusiasmo diante da inauguração da Casa Verde.
- b) em Dona Evarista, a fim de demonstrar seu orgulho diante do feito de seu marido.
- c) nas pessoas ao redor, para representar a alegria diante da inauguração da Casa Verde.
- d) na Casa Verde, que toma a maior parte do quadrinho em um ângulo “olho de minhoca”*, para demonstrar a grandiosidade da construção e da ideia de orgulho que ela representa para Dr. Bacamarte.

*“olho de minhoca” = Nos quadrinhos, corresponde ao ângulo visto de baixo para cima que é capaz de proporcionar peso e grandiosidade a objetos ou personagens.

10 – Analise atentamente o comportamento de Dona Evarista no quadrinho abaixo. Qual a relação existente entre a ilustração e o título do capítulo, “Deus sabe o que faz”?



- a) De repetição/redundância, pois a ilustração apenas repete a narrativa trazida pelo título.
- b) De amplificação, já que a ilustração amplia o sentido do título demonstrando, na linguagem não verbal, a ironia presente no título.
- c) De disjunção, visto que ilustração e título entram em contradição, são divergentes no sentido.
- d) De colaboração, pois texto e imagem “trabalham em conjunto em vista de um sentido comum”.

Finalizada a leitura, o professor pedirá aos estudantes que respondam às questões no diário de leitura. Após o término da atividade, o docente discutirá as respostas apresentadas pelos alunos, levando-os a compreender a unidade entre linguagem verbal e não verbal na adaptação e a contribuição desse aspecto na construção da personagem.

Continuação da leitura protocolada do livro *O Alienista em quadrinhos* – capítulos 7, 8 e 9 (03 aulas)

Continuando a leitura protocolada e compartilhada em sala de aula, nos capítulos 7, 8 e 9, o professor projetará no datashow a segunda parte da leitura de *O Alienista em quadrinhos*, que compreende a concepção da nova teoria de Simão Bacamarte sobre a loucura até a rebelião organizada pelos moradores de Itaguaí contra o recolhimento de pessoas para a Casa Verde.

Para motivar e envolver os alunos nesse segundo momento, o docente colocará a seguinte pergunta no quadro:

O que acontecerá com Simão Bacamarte e com a Casa Verde nas próximas páginas da narrativa?

O professor deve pedir aos alunos que anotem as expectativas no diário de leitura para confrontá-las após o término da atividade. Além disso, o docente entregará as seguintes questões aos estudantes para serem respondidas:

- 1) Nessa segunda parte da leitura, como é retrata a personagem Simão Bacamarte?
- 2) Que elementos da linguagem não verbal nos permitem identificar essas características apresentadas na resposta da questão 1?
- 3) Na primeira parte da leitura, muitas personagens apoiavam Simão Bacamarte e a implantação da Casa Verde. Nesse ponto da narrativa, esse apoio permanece? Por quê?
- 4) O que podemos observar de mudança no comportamento dos moradores de Itaguaí nesse ponto da narrativa?
- 5) Que elementos da linguagem não verbal nos permitem identificar essas características apresentadas na resposta da questão 4?
- 6) Nas páginas 37 e 38, os oficiais tentam interromper e combater a revolução dos canjicas. Observando atentamente a linguagem não verbal empregada nas páginas, ela é explorada apenas como ilustração do texto verbal ou também constrói significados, acrescenta informações à obra? Explique sua resposta.
- 7) Por que a Queda da Bastilha é comparada à revolta contra a Casa Verde liderada pelo barbeiro Porfírio?
- 8) As expectativas que você anotou no diário de leitura em relação a Simão Bacamarte e à Casa Verde foram correspondidas?

Assim, finalizadas a leitura do texto e a discussão das respostas apresentadas pelos alunos em relação às questões propostas, o professor anunciará que nas próximas aulas a turma finalizará a leitura de *O Alienista em quadrinhos*.

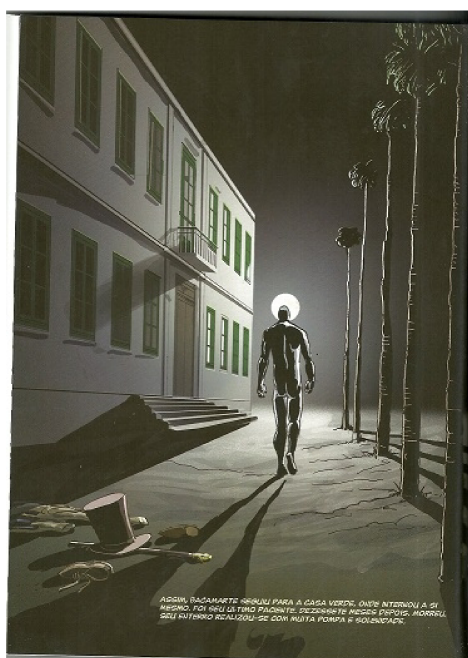
Continuação da leitura protocolada do livro *O Alienista em quadrinhos* – capítulos 10, 11, 12 e 13 (03 aulas)

Nesse momento que antecede a leitura da parte final do livro *O Alienista em quadrinho*, o professor deverá iniciar a aula com uma atividade para motivar os estudantes. Dessa maneira, entregará a eles uma folha e pedirá que anotem o possível final que a personagem Simão Bacamarte poderá ter na narrativa. Todos depositarão seu “palpite” numa caixa levada pelo docente, que será aberta após o final da atividade de leitura.

Professor, esta atividade foi muito interessante em nosso projeto, pois proporcionou respostas surpreendentes em sala com a turma, além de manter o interesse dos estudantes pela leitura.

Ainda antes de iniciar a leitura, o docente entregará as seguintes questões aos estudantes para serem respondidas no diário de leitura:

- 1) As expectativas criadas antes da leitura do texto com relação ao alienista foram contempladas? O que mais te surpreendeu na narrativa?
- 2) Como a personagem Simão Bacamarte é caracterizada nesse terceiro momento da leitura da narrativa?
- 3) Que elementos da linguagem não verbal nos permitem identificar essas características apresentadas na resposta da questão 3?
- 4) Que características apresentadas por Simão Bacamarte na narrativa são próprias de pessoas reais para você?
- 5) Por que Simão Bacamarte se despiu de seus trajes no momento em que se autointernou na Casa Verde?

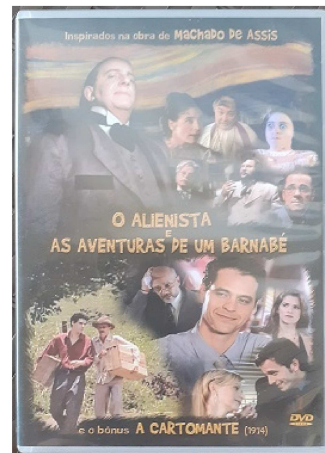


- 6) Após o término da obra, o que é possível entender a respeito da figura em preto e branco que aparece em determinados momentos da narrativa em quadrinhos?

Finalizada a leitura e a discussão em relação às questões propostas, o docente lançará a seguinte questão aos estudantes, que deverá ser respondida oralmente:

Vocês consideram que a adaptação em quadrinhos que lemos conseguiu expressar as características marcantes do caráter e da personalidade do protagonista Simão Bacamarte?

Por fim, o professor informará aos alunos que nas próximas aulas eles conhecerão uma outra adaptação da obra *O Alienista*, dessa vez uma adaptação televisiva, que foi exibida em forma de minissérie em 1993 e em 2008 na Rede Globo de televisão.



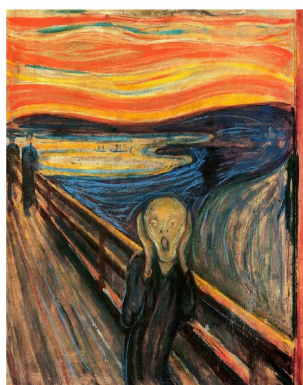
Etapa 2: Literatura e adaptação: a personagem na linguagem televisiva (09 aulas)

Objetivos: Ampliar o conhecimento dos discentes acerca do universo da adaptação. Comparar o processo de construção da personagem Simão Bacamarte nas adaptações televisiva e em quadrinhos de *O Alienista*, identificando a ambiguidade presente na caracterização da personagem.

Reconhecer os tipos de personagem plana e esférica nas adaptações de *O Alienista* a partir da comparação das personagens: Simão Bacamarte, D. Evarista, Porfírio, Crispim Soares e Padre Lopes.

Primeiro momento: Motivação (1 aula)

Nesta segunda etapa, o professor anunciará à turma que continuaremos com o estudo acerca da obra *O Alienista*, contudo, agora utilizaremos a adaptação televisiva do texto de Machado de Assis, que será dividida em duas partes. Logo, o docente colará no quadro uma reprodução em tamanho A3 do quadro *O grito* de Edvard Munch, com o objetivo de iniciar uma discussão a respeito da situação que envolve as personagens da obra estudada. Além disso, nosso segundo objetivo é preparar os discentes para a referência intertextual que há no início da minissérie, já que o mesmo quadro aparecerá na adaptação televisiva que os estudantes assistirão em sala de aula. Assim, como atividade oral, o professor perguntará aos alunos:



- 1) Vocês conhecem esta pintura? (Caso os alunos não saibam, o professor informará a autoria e outras informações pertinentes à pintura.)
- 2) O que ela representa?
- 3) Que elementos de sua composição (traços, cores, formas etc.) nos ajudam a compreendê-la dessa forma?
- 4) Levantem hipóteses: podemos relacionar essa pintura à temática da obra *O Alienista*? Por quê?

Após a discussão inicial a respeito da tela *O grito*, o docente apresentará outras imagens aos alunos, que serão três desenhos de Candido Portinari feitos para uma edição de *O Alienista* de 1948, por meio dos quais o pintor retrata personagens e cenas relevantes da narrativa. Nesse sentido, o professor iniciará a discussão dos desenhos indagando:

- 1) O que podemos observar no primeiro desenho? Quais características/traços no desenho nos permitem afirmar isso? (O primeiro desenho é descrito como a representação da loucura, no qual se observa vários rostos com uma expressão alienante e aterrorizada pela dor.)
- 2) No segundo desenho, o que podemos observar? Levante hipóteses: que personagem poderia ser essa? (O segundo desenho representa Simão Bacamarte, os traços da face são marcantes, com olhos vidrados e expressão compenetrada.)
- 3) E o terceiro desenho, representa que parte da narrativa de *O Alienista*? Por quê? (O terceiro desenho mostra a população de Itaguaí já internada na Casa Verde.)

1)



3)

CANDIDO PORTINARI: Ilustração para o *O Alienista*, de Machado de Assis. Editora Imprensa Nacional, 1948, p. 17. Está sobre o texto na folha referente ao início do Capítulo V, *O Terror*.

2)



Terminado esse momento de motivação, o professor comunicará que nas próximas aulas a turma assistirá à adaptação televisiva de *O Alienista* e discutirão a construção da personagem Simão Bacamarte nessa nova obra por meio de algumas atividades orais e escritas. Professor, a adaptação utilizada é encontrada em DVD, conforme indicado na bibliografia, e pode ser adquirida em sites especializados de produtos televisivos.

Segundo momento: Exibição da primeira parte da adaptação televisiva *O Alienista* (3 aulas - Duração: cerca de 15 min, pois retiramos duas cenas consideradas inadequadas para a faixa etária dos estudantes (1ª parte: 1 min - 7 min 30 segundos (corte) 2ª parte: 8 min 15 segundos - 14 min 50 segundos)).

Para iniciar a exibição da minissérie *O Alienista*, o docente entregará aos estudantes as seguintes questões para serem respondidas no diário de leitura:

- 1) Que diferenças podemos observar na forma de narrar entre as adaptações em quadrinhos e a televisiva da obra *O Alienista*?
- 2) Nessa primeira parte da minissérie, como é apresentada a personagem Simão Bacamarte? Caracterize-a física, emocional e socialmente. (Se os estudantes tiverem dificuldade, o professor mediará a atividade retomando alguns aspectos observados na minissérie para ajudá-los.)

Características físicas	Características emocionais	Características sociais

- 3) Como é apresentada a ideia de criar uma casa de internação para loucos em Itaguaí? Qual a reação das outras personagens em cena a respeito dessa ideia?
- 4) Que ação da personagem Simão Bacamarte cria uma reação de contestação da população em relação às internações realizadas pelo alienista? Em que o médico se baseou para tomar essa atitude?
- 5) Nesse momento, devido aos acontecimentos, como é retratada a personagem Simão Bacamarte?
- 6) Como são retratadas as personagens D. Evarista, Porfírio, Crispim Soares e Padre Lopes nessa adaptação? Registre características físicas, emocionais e sociais.

Após terminar a exibição da primeira parte da adaptação televisiva de *O Alienista*, o professor pedirá aos estudantes que respondam às questões propostas. Ao terminarem, discutirá com os alunos cada uma, ouvindo as observações e conclusões que a turma chegou. Antes de encerrar o debate acerca desta primeira parte, o docente entregará as seguintes questões aos discentes:

1) Observando a construção das personagens D. Evarista, Crispim Soares e Padre Lopes nas adaptações em quadrinhos e televisiva, preencha o quadro abaixo apresentando as semelhanças com relação à caracterização delas. (Espera-se que os estudantes percebam que essas personagens não apresentam uma elaboração complexa, mas sim retratam tipos sociais mais simples.)

Personagens	<i>O Alienista em quadrinhos</i>	<i>O Alienista minissérie</i>
D. Evarista		
Crispim Soares		
Padre Lopes		

2) Observando a construção das personagens Simão Bacamarte e Porfírio, preencha o quadro abaixo apresentando as semelhanças com relação à caracterização delas. (Em oposição às personagens da questão 1, pretende-se que os alunos notem que as personagens Porfírio e Simão Bacamarte são complexas, sua caracterização é mais elaborada e sua psicologia mais apurada.)

Personagens	<i>O Alienista em quadrinhos</i>	<i>O Alienista minissérie</i>
Simão Bacamarte		
Porfírio		

3) Fazendo uma análise mais detalhada, numere os itens que são apropriados às personagens de acordo com sua construção e caracterização nas adaptações em quadrinhos e televisiva.

1 - D. Evarista

2 - Crispim Soares

3 - Padre Lopes

4 - Simão Bacamarte

5 - Porfírio

() Características fixas, que não mudam ao longo da história.

() Possuem um número limitado de características.

() São tratadas como tipos (personagens próprias de certas classes, como o padre, o barbeiro, a dona de casa, o avarento, a fofqueira etc.) ou caricaturas (reconhecidas por traços ridículos e/ou cômicos), pois representam figuras previsíveis na história.

() Não possuem participação decisiva na história.

() Características mais elaboradas, com descrição de traços da personalidade, do caráter, de sua ideologia e de sua moral.

() Possuem um número maior de características.

() Suas características são reveladas aos poucos na história para que o leitor perceba sua construção.

() São personagens decisivas e surpreendentes na história.

4) Levante hipóteses: como poderiam ser chamadas essas duas classes de personagens que se distinguem pela elaboração mais simplória ou mais complexa? (Após os estudantes apresentarem suas conjecturas, o professor apresentará a designação utilizada formalmente, personagens planas e personagens esféricas.)

Terceiro momento: Exibição da segunda parte da adaptação televisiva O Alienista (3 aulas - Duração: cerca de 29 min (14 min 50 segundos até minuto 44))

Antes de iniciar a exibição da segunda parte da adaptação televisiva de O Alienista, o professor iniciará a aula com a seguinte questão:

O que acontecerá com Simão Bacamarte nesta segunda e última parte da adaptação?

O docente convidará a turma a responder à questão, instigando a interação e a motivação dos estudantes em relação à adaptação que assistirão. Finalizado esse momento de conversa, entregará aos alunos as seguintes questões:

- 1) Nesta parte final da adaptação, como é retratada a personagem Simão Bacamarte?
- 2) Observando a postura e o comportamento de Simão Bacamarte no início das adaptações, em quadrinhos e televisiva, era possível deduzir que ele terminaria internado como paciente da Casa Verde? Por quê?
- 3) Podemos dizer que há uma ambiguidade, isto é, um duplo sentido na caracterização e no comportamento dessa personagem? Por quê? (Nesse momento, nosso objetivo é introduzir o conceito de ambiguidade na criação das personagens em estudo. Não é nosso objetivo fornecer um conceito pronto, mas permitir que os estudantes percebam isso por meio da linguagem, seja nas adaptações, seja nos próximos textos machadianos.)
- 4) O que podemos destacar nas adaptações, em quadrinhos e televisiva, que demonstrem essa caracterização e esse comportamento ambíguos da personagem Simão Bacamarte? Cite recursos visuais e verbais que você observou. (Caso os estudantes tenham dificuldade, o professor mediará a questão ajudando-os a reconhecer ações, situações e falas apresentadas pela personagem.)

Recursos Visuais	Recursos Verbais

- 5) Levante hipóteses: sem esse recurso da ambiguidade, o que poderia ser utilizado na linguagem visual e verbal para conseguir esse duplo sentido na criação de Simão Bacamarte?
- 6) Analisando o desfecho da adaptação, suas expectativas foram contempladas?

Encerrado o momento de discussão com a turma acerca das questões de 1 a 6, o professor questionará aos alunos se as hipóteses levantadas antes da exibição foram contempladas, procurando instigar as interpretações. Finalizado esse momento, convidará os alunos a participarem nas próximas aulas de uma roda de leitura a partir de perfis de personagens machadianos selecionados pela obra *Machado para jovens leitores* em contos e romances do autor.

Etapa 3: Perfis machadianos (7 aulas)

Objetivos: Diferenciar os tipos de personagem plana e esférica a partir dos perfis de “José Dias”, “O administrador interino” e “Esse Aires”.

Compreender o processo de construção ambíguo da personagem “O administrador interino”.
Identificar o processo de construção ambíguo da personagem “Conselheiro Aires”.

Primeiro momento: Motivação (1 aula)

Iniciando a terceira etapa, o professor comunicará aos estudantes que eles estudarão nas próximas aulas fragmentos de textos de Machado de Assis, nos quais o autor apresenta três personagens: José Dias e O administrador interino, ambos do romance Dom Casmurro, e Esse Aires, da obra Esaú e Jacó.

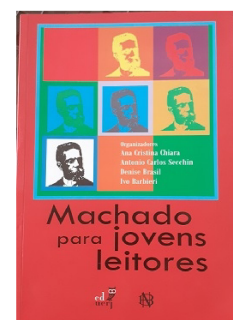
Para motivar os alunos nessa nova etapa, o docente pedirá que os estudantes se reúnam em trios para desenvolverem uma atividade de reflexão que será apresentada posteriormente por todas as equipes. Dessa forma, o professor entregará a seguinte atividade aos discentes:

Leiam atentamente o pensamento a seguir e escrevam um comentário a respeito do que podemos compreender. Procurem justificar se concordam ou não com o autor. Caso seja necessário, o dicionário estará disponível para consulta.

“Se eu houvesse de definir a alma humana... diria que é uma casa de pensão. Cada quarto abriga um vício ou uma virtude. Os bons são aqueles em quem os vícios dormem sempre e as virtudes velam, e os maus...” (Machado de Assis)

Concluído o momento de discussão entre as equipes, o docente promoverá uma roda de conversa a respeito da compreensão que cada trio chegou. Nessa atividade de motivação, nosso objetivo é demonstrar que Machado de Assis possuía uma forma particular de observar o ser humano, o que se torna determinante para a criação de suas personagens. Nesse sentido, após todos os grupos apresentarem suas conclusões, o docente encerrará a aula chamando a atenção dos estudantes para esse aspecto.

Professor, os três perfis que utilizaremos foram retirados da obra *Machado para jovens leitores*, organizada por Ana Cristina Chiara *Et al.*, conforme indicado na bibliografia do trabalho.



Primeiro momento: Leitura do perfil “José Dias” (2 aulas)

Antes de iniciar a leitura, o professor organizará um círculo com os estudantes na biblioteca para promover uma dinâmica diferente para a atividade e também utilizar esse espaço escolar como estratégia na escolarização dos textos literários estudados.

Assim, o professor entregará aos estudantes as seguintes questões impressas para serem respondidas no diário de leitura:

- 1) Ao ler o texto machadiano, como você imaginou/visualizou José Dias?
- 2) José Dias apresenta alguma semelhança com as personagens que estudamos nas adaptações de O Alienista?
- 3) Analisando a caracterização da personagem José Dias no perfil, preencha o quadro abaixo.

Características físicas	Características emocionais	Características sociais

- 4) Você sabe o que é o superlativo? Retire do texto lido exemplos.
- 5) Como essa característica de “amar o superlativo” ajuda a caracterizar a personagem José Dias?
- 6) Fazendo uma análise mais detalhada, marque os itens que são apropriados à personagem José Dias de acordo com sua construção e caracterização no texto.

- () Características fixas, que não mudam.
- () Possuem um número limitado de características.
- () São tratadas como tipos (personagens próprias de certas classes, como o padre, o barbeiro, a dona de casa, o avaro, a fofqueira etc.) ou caricaturas (reconhecidas por traços ridículos e/ou cômicos), pois representam figuras previsíveis.
- () Não possuem participação decisiva.
- () Características mais elaboradas, com descrição de traços da personalidade, do caráter, de sua ideologia e de sua moral.
- () Possuem um número maior de características.
- () Suas características são reveladas aos poucos para que o leitor perceba sua construção.
- () São personagens decisivas e surpreendentes.

7) Analisando a caracterização de José Dias no texto, podemos identificá-lo como uma personagem plana ou esférica? Retire um fragmento do texto que fundamente sua compreensão.

8) Machado de Assis termina o perfil de José Dias da seguinte forma:

“Outrossim, ria largo, se era preciso, de um grande riso sem vontade, mas comunicativo, a tal ponto as bochechas, os dentes, os olhos, toda a cara, toda a pessoa, todo o mundo pareciam rir nele. Nos lances graves, gravíssimo.”

a) Levante hipóteses: por que José Dias “[...] ria largo, se preciso, de um grande riso sem vontade, mas comunicativo [...]”? (Espera-se que os alunos percebam a personalidade volúvel, mutável pelas situações de interesse, que José Dias apresenta.)

b) Levante hipóteses: por que Machado de Assis termina o perfil de José Dias utilizando o superlativo “gravíssimo”?

Ao terminar a leitura, o professor discutirá as questões propostas com os alunos para que não exista nenhuma dúvida a respeito. Quando os estudantes terminarem de responder, todas as atividades serão corrigidas e discutidas a partir do que os discentes compreenderam.

Segundo momento: Leitura do perfil “O administrador interino” (2 aulas)

Continuando a terceira etapa de nossa intervenção pedagógica, o professor organizará novamente, na biblioteca, uma roda de leitura do fragmento textual com o perfil de O administrador interino. Dessa maneira, começará a aula com o seguinte questionamento oral para estimular a leitura:

Como será essa personagem machadiana?

Ao terminar a atividade oral, o professor entregará aos discentes as questões impressas abaixo para serem respondidas no diário de leitura:

1)O que é narrado a respeito da personagem Pádua no fragmento?

2) Como é caracterizada a personagem Pádua na primeira parte do fragmento, antes de se tornar administrador interino (no 1º parágrafo)? Retire fragmentos do texto para comprovar sua resposta.

Características físicas	Características emocionais	Características sociais

3) Como é caracterizada a personagem Pádua na segunda parte do fragmento, depois de se tornar administrador interino (no 2º parágrafo) Retire fragmentos do texto para comprovar sua resposta.

Características físicas	Características emocionais	Características sociais

4) Como é caracterizada a personagem Pádua na terceira parte do fragmento, após perder a função de administrador interino (do 3º parágrafo até o final do texto)? Retire fragmentos do texto para comprovar sua resposta.

Características físicas	Características emocionais	Características sociais

5) Fazendo uma análise mais detalhada, marque os itens que são apropriados à personagem Pádua de acordo com sua construção e caracterização no texto.

Características fixas, que não mudam.

Possuem um número limitado de características.

São tratadas como tipos (personagens próprias de certas classes, como o padre, o barbeiro, a dona de casa, o avarento, a fofqueira etc.) ou caricaturas (reconhecidas por traços ridículos e/ou cômicos), pois representam figuras previsíveis.

- () Não possuem participação decisiva.
 - () Características mais elaboradas, com descrição de traços da personalidade, do caráter, de sua ideologia e de sua moral.
 - () Possuem um número maior de características.
 - () Suas características são reveladas aos poucos para que o leitor perceba sua construção.
 - () São personagens decisivas e surpreendentes.
- 6) Analisando a caracterização de Pádua no texto, podemos identificá-lo como uma personagem plana ou esférica? Retire um fragmento do texto que fundamente sua compreensão.
- 7) Observando a caracterização de Pádua, como podemos perceber a ambiguidade, o duplo sentido, que existe em sua personalidade? Procure observar a relação existente entre os pensamentos da personagem e suas ações.
- 8) Existe um ditado popular utilizado por muitas pessoas em determinadas situações: “Cheguei ao fundo do poço”. Que relação de sentido podemos estabelecer entre esse ditado popular e o momento em que Pádua perde sua função de administrador interino e começa a passar longos períodos perto do poço no quintal?
- 9) O que a personagem José Dias quis dizer com “a vaidade sobrevivente” quando Pádua contava a respeito do período em que fora administrador interino?
- 10) Como podemos entender a relação de sentido existente entre o problema vivenciado por Pádua e o versículo bíblico que encerra o fragmento?

Após terminar leitura e discutir as questões com a classe, o professor chamará a atenção dos estudantes para a variedade de personagens criadas por Machado de Assis. Assim, oralmente, relembrará algumas já estudadas nessa intervenção e a particularidade do autor ao tecer a composição dessas: seres com densidade interior rica e variada, compostos por conflitos, tensões e ambiguidades.

Terceiro momento: Leitura do perfil “Esse Aires” (2 aulas)

Para finalizar a terceira etapa da intervenção, o docente pedirá aos alunos que organizem mais uma vez a roda de leitura na biblioteca e iniciará a aula com a seguinte questão:

Que tipo de personagem encontraremos neste último perfil? Quem será “Esse Aires”?

Finalizado esse momento inicial de conversa e compartilhamento de expectativas com a turma e antes de iniciar a atividade de leitura, o professor entregará as seguintes questões impressas aos estudantes para serem respondidas no diário de leitura:

- 1) O que narrado sobre a personagem Aires?
- 2) Para você, qual a característica mais marcante na personagem Aires?
- 3) Como é caracterizada a personagem Aires no texto? Retire fragmentos do texto para comprovar sua resposta.

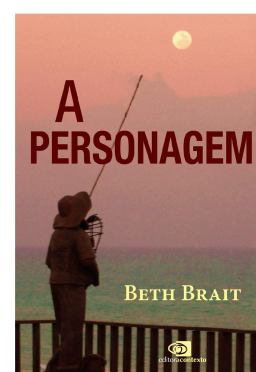
Características físicas	Características emocionais	Características sociais

4) Fazendo uma análise mais detalhada, marque os itens que são apropriados à personagem Aires de acordo com sua construção e caracterização no texto.

- Características fixas, que não mudam.
- Possuem um número limitado de características.
- São tratadas como tipos (personagens próprias de certas classes, como o padre, o barbeiro, a dona de casa, o avarento, a fofoqueira etc.) ou caricaturas (reconhecidas por traços ridículos e/ou cômicos), pois representam figuras previsíveis.
- Não possuem participação decisiva.
- Características mais elaboradas, com descrição de traços da personalidade, do caráter, de sua ideologia e de sua moral.
- Possuem um número maior de características.
- Suas características são reveladas aos poucos para que o leitor perceba sua construção.
- São personagens decisivas e surpreendentes.

- 5) Analisando a caracterização de Aires no texto, podemos identificá-lo como uma personagem plana ou esférica? Retire um fragmento do texto que fundamente sua compreensão.
- 6) Ao apresentar uma resposta “média” quando questionado a respeito da cabocla do Castelo, o que podemos perceber a respeito da personalidade da personagem Aires?
- 7) As formas de pensar e de agir da personagem Aires diante das situações cotidianas são coerentes ou são opostas? Justifique sua compreensão com um fragmento do texto.
- 8) Observando a caracterização de Aires, como podemos perceber a ambiguidade, o duplo sentido, que existe em sua personalidade? Procure observar a relação existente entre seu comportamento e seus pensamentos, seus conflitos interiores e o jogo de aparência que procura manter.

Professor, se desejar aprofundar seus estudos a respeito do elemento narrativo “personagem”, sugerimos a leitura de *A personagem*, de Beth Brait.



Etapa 4: “Personagens em contos” (07 aulas)

Objetivos: - Efetivar as habilidades de reconhecimento dos tipos e da construção ambígua das personagens machadianas nos contos *O diplomático* e *Conto de escola*.

- Apresentar aos educandos algumas estratégias de leitura que contribuem para a compreensão do texto.

Primeiro momento: Motivação (1 aula)

Para iniciar a última etapa de leituras, o professor entregará as questões abaixo aos estudantes para serem respondidas oralmente. Assim, exibirá o vídeo “Rio de Janeiro – Brasil, fotos do século 19”, com duração de 7:35 min, [clique aqui para assistir ao vídeo: https://www.youtube.com/watch?v=i-Zmw7A7dl](https://www.youtube.com/watch?v=i-Zmw7A7dl)), que apresenta fotografias da sociedade e

de lugares do Rio de Janeiro antigo. Nosso objetivo é demonstrar a dinâmica da cidade e da vida que as pessoas tinham no século XIX no Rio de Janeiro, uma vez que Machado de Assis os retrata em sua obra de forma bastante singular. Nesse sentido, a exibição do vídeo proporcionará uma experiência relevante aos alunos, já que visualizarão a sociedade e os lugares que serão retratados nos contos “Conto de escola” e “O diplomático”.

Finalizada a exibição do vídeo, o docente iniciará uma atividade oral com a turma a partir das questões.

- 1) Você conhece algum desses lugares das fotografias?
- 2) O que mais chamou sua atenção nas fotografias?
- 3) A partir das fotografias, o que podemos notar a respeito do modo como as pessoas viviam no Rio de Janeiro no XIX?
- 4) Observando a organização da cidade, que tipo de construções é predominantes?
- 5) Levante hipóteses: como eram as aulas, a relação professor e aluno, a escola no século XIX?
- 6) E o convívio entre as pessoas, familiares e amigos, como você imagina que era?
- 7) Levante hipóteses: quais os meios de entretenimento que as pessoas dispunham no século XIX?
- 8) Deduza: na sociedade carioca do século XIX já existiam, por exemplo, corrupção e delação?
- 9) E a aproximação entre pessoas por algum interesse, você acha que já existia nesse período?

Terminando a atividade oral, o professor comunicará que na próxima aula a turma começará a leitura do conto “Conto de escola”, de Machado de Assis.

Segundo momento: Leitura do conto “Conto de escola” (3 aulas)

Nesse segundo momento de leitura da quarta etapa, nosso objetivo é aprofundar a ampliação de repertório e o letramento literário por meio do reconhecimento dos tipos e da construção ambígua das personagens machadianas no conto “Conto de escola”.

Desejando motivar os estudantes para a leitura, o docente perguntará aos discentes:
Levantem hipóteses: a respeito do que tratará o texto “Conto de escola”?
Que tipo de escola encontraremos nesse conto?
Que tipo de personagens poderemos encontrar?

Assim, antes de iniciar a leitura protocolada, o professor fornecerá as questões abaixo para serem respondidas de acordo com os conhecimentos construídos.

- 1) O que é narrado no conto?
- 2) Como é retratada a escola e a relação professor e aluno no conto?

3) A partir dos conhecimentos que construímos ao longo de nosso projeto, preencha o quadro de acordo com as personagens do conto. Retire fragmentos que confirmem sua classificação.

Personagens		
Plana(s)	Esférica(s)	Ambígua(s)

4) Por que podemos considerar Pilar uma personagem com construção ambígua? (Espera-se que os estudantes percebam o conflito interior da personagem em aceitar ou não o dinheiro e a decisão tomada ao final.)

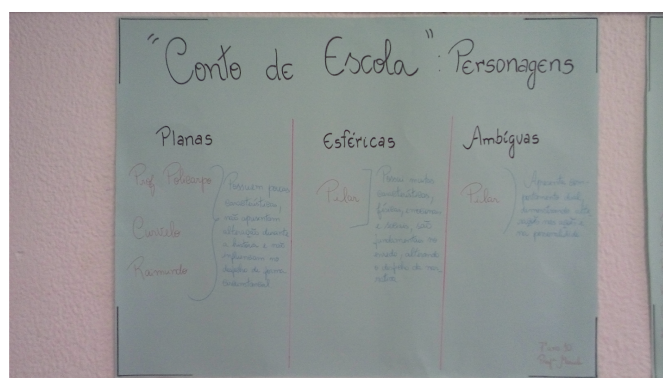
5) Por que a personagem Raimundo “deu” o primeiro conhecimento do que seria a corrupção à personagem Pilar?

6) Você concorda que Raimundo cometeu um ato de corrupção? Por quê?

7) Por que a personagem Curvelo “deu” o primeiro conhecimento do que seria a delação à personagem Pilar?

8) Em sua opinião, o que Curvelo fez foi correto? Por quê?

Encerrada a discussão das questões propostas, o professor e a turma produzirão um cartaz com o quadro da questão 3 para ser fixado em sala de aula. Dessa maneira, os estudantes poderão consultar o material quando necessário e se lembrar dos conhecimentos construídos.



Cartaz produzido em sala de aula com a participação da turma.

Mediação antes da leitura – Conto de escola

- 1) Levantem hipóteses: a respeito do que tratará o texto “Conto de escola”?
- 2) Que tipo de escola encontraremos nesse conto?
- 3) Que tipo de personagens poderemos encontrar?

Conto de escola

Machado de Assis

A escola era na Rua do Costa, um sobradinho de grade de pau. O ano era de 1840. Naquele dia - uma segunda-feira, do mês de maio - deixei-me estar alguns instantes na Rua da Princesa a ver onde iria brincar a manhã. Hesitava entre o morro de S. Diogo e o Campo de Sant’Ana, que não era então esse parque atual, construção de gentleman, mas um espaço rústico, mais ou menos infinito, alastrado de lavadeiras, capim e burros soltos. Morro ou campo? Tal era o problema. De repente disse comigo que o melhor era a escola. E guiei para a escola. Aqui vai a razão.

Na semana anterior tinha feito dois suetos, e, descoberto o caso, recebi o pagamento das mãos de meu pai, que me deu uma sova de vara de marmeleiro. As sovas de meu pai doíam por muito tempo. Era um velho empregado do Arsenal de Guerra, ríspido e intolerante. Sonhava para mim uma grande posição comercial, e tinha ânsia de me ver com os elementos mercantis, ler, escrever e contar, para me meter de caixeiro. Citava-me nomes de capitalistas que tinham começado ao balcão. Ora, foi a lembrança do último castigo que me levou naquela manhã para o colégio. Não era um menino de virtudes.

Vocês sabem o que é levar uma sova?

Subi a escada com cautela, para não ser ouvido do mestre, e cheguei a tempo; ele entrou na sala três ou quatro minutos depois. Entrou com o andar manso do costume, em chinelas de cordovão, com a jaqueta de brim lavada e desbotada, calça branca e tesa e grande colarinho caído. Chamava-se Policarpo e tinha perto de cinqüenta anos ou mais.

Uma vez sentado, extraiu da jaqueta a boceta de rapé e o lenço vermelho, pô-los na gaveta; depois relanceou os olhos pela sala. Os meninos, que se conservaram de pé durante a entrada dele, tornaram a sentar-se. Tudo estava em ordem; começaram os trabalhos.

_ Seu Pilar, eu preciso falar com você, disse-me baixinho o filho do mestre.

Chamava-se Raimundo este pequeno, e era mole, aplicado, inteligência tarda.

Raimundo gastava duas horas em reter aquilo que a outros levava apenas trinta ou cinqüenta minutos; vencia com o tempo o que não podia fazer logo com o cérebro. Reunia a isso um grande medo ao pai. Era uma criança fina, pálida, cara doente; raramente estava alegre. Entrava na escola depois do pai e retirava-se antes. O mestre era mais severo com ele do que conosco.

_ O que é que você quer?

_ Logo, respondeu ele com voz trêmula.

Começou a lição de escrita. Custa-me dizer que eu era dos mais adiantados da escola; mas era. Não digo também que era dos mais inteligentes, por um escrúpulo fácil de entender e de excelente efeito no estilo, mas não tenho outra convicção. Note-se que não era pálido nem mofino: tinha boas cores e músculos de ferro. Na lição de escrita, por exemplo, acabava sempre antes de todos, mas deixava-me estar a recortar narizes no papel ou na tábua, ocupação sem nobreza nem espiritualidade, mas em todo caso ingênua. Naquele dia foi a mesma coisa; tão depressa acabei, como entrei a reproduzir o nariz do mestre, dando-lhe cinco ou seis atitudes diferentes, das quais recordo a interrogativa, a admirativa, a dubitativa e a cogitativa. Não lhes punha esses nomes, pobre estudante de primeiras letras que era; mas, intuitivamente, dava-lhes essas expressões. Os outros foram acabando; não tive remédio senão acabar também, entregar a escrita, e voltar para o meu lugar.

Com franqueza, estava arrependido de ter vindo. Agora que ficava preso, ardia por andar lá fora, e recapitulava o campo e o morro, pensava nos outros meninos vadios, o Chico Telha, o Américo, o Carlos das Escadinhas, a fina flor do bairro e do gênero humano. Para cúmulo de desespero, vi através das vidraças da escola, no claro azul do céu, por cima do morro do Livramento, um papagaio de papel, alto e largo, preso de uma corda imensa, que bojava no ar, uma coisa soberba. E eu na escola, sentado, pernas unidas, com o livro de leitura e a gramática nos joelhos.

Como a escola é retratada pela personagem Pilar até aqui?

_ Fui um bobo em vir, disse eu ao Raimundo.

_ Não diga isso, murmurou ele.

Olhei para ele; estava mais pálido. Então lembrou-me outra vez que queria pedir-me alguma coisa, e perguntei-lhe o que era. Raimundo estremeceu de novo, e, rápido, disse-me que esperasse um pouco; era uma coisa particular. - Seu Pilar... murmurou ele daí a alguns minutos.

_ Que é?

_ Você...

_ Você quê?

Ele deitou os olhos ao pai, e depois a alguns outros meninos. Um destes, o Curvelo, olhava para ele, desconfiado, e o Raimundo, notando-me essa circunstância, pediu alguns minutos mais de espera. Confesso que começava a arder de curiosidade. Olhei para o Curvelo, e vi que parecia atento; podia ser uma simples curiosidade vaga, natural indiscrição; mas podia ser também alguma coisa entre eles. Esse Curvelo era um pouco levado do diabo. Tinha onze anos, era mais velho que nós.

Que me queria o Raimundo? Continuei inquieto, remexendo-me muito, falando-lhe baixo, com instância, que me dissesse o que era, que ninguém cuidava dele nem de mim. Ou então, de tarde... - De tarde, não, interrompeu-me ele; não pode ser de tarde.

_ Então agora...

_ Papai está olhando.

Na verdade, o mestre fitava-nos. Como era mais severo para o filho, buscava-o muitas vezes com os olhos, para trazê-lo mais aperreado. Mas nós também éramos finos; metemos o nariz no livro, e continuamos a ler. Afinal cansou e tomou as folhas do dia, três ou quatro, que ele lia devagar, mastigando as idéias e as paixões. Não esqueçam que estávamos então no fim da Regência, e que era grande a agitação pública. Policarpo tinha decerto algum partido, mas nunca pude averiguar esse ponto. O pior que ele podia ter, para nós, era a palmatória. E essa lá estava, pendurada do portal da janela, à direita, com os seus cinco olhos do diabo. Era só levantar a mão, despendurá-la e brandi-la, com a força do costume, que não era pouca. E daí, pode ser que alguma vez as paixões políticas dominassem nele a ponto de poupar-nos uma ou outra correção. Naquele dia, ao menos, pareceu-me que lia as folhas com muito interesse; levantava os olhos de quando em quando, ou tomava uma pitada, mas tornava logo aos jornais, e lia a valer.

**Vocês sabem o que foi o período da Regência no Brasil?
Qual o sentido da expressão “mastigando as ideias e as paixões” nesse contexto?**

No fim de algum tempo - dez ou doze minutos - Raimundo meteu a mão no bolso das calças e olhou para mim.

- _ Sabe o que tenho aqui?
- _ Não.
- _ Uma pratinha que mamãe me deu.
- _ Hoje?
- _ Não, no outro dia, quando fiz anos...
- _ Pratinha de verdade?
- _ De verdade.

Tirou-a vagarosamente, e mostrou-me de longe. Era uma moeda do tempo do rei, cuida que doze vinténs ou dois tostões, não me lembro; mas era uma moeda, e tal moeda que me fez pular o sangue no coração. Raimundo revolveu em mim o olhar pálido; depois perguntou-me se a queria para mim. Respondi-lhe que estava caçoando, mas ele jurou que não.

_ Mas então você fica sem ela?

_ Mamãe depois me arranja outra. Ela tem muitas que vovô lhe deixou, numa caixinha; algumas são de ouro. Você quer esta?

Minha resposta foi estender-lhe a mão disfarçadamente, depois de olhar para a mesa do mestre. Raimundo recuou a mão dele e deu à boca um gesto amarelo, que queria sorrir. Em seguida propôs-me um negócio, uma troca de serviços; ele me daria a moeda, eu lhe explicaria um ponto da lição de sintaxe. Não conseguira reter nada do livro, e estava com medo do pai. E concluía a proposta esfregando a pratinha nos joelhos...

Tive uma sensação esquisita. Não é que eu possuísse da virtude uma idéia antes própria de homem; não é também que não fosse fácil em empregar uma ou outra mentira de criança. Sabíamos ambos enganar ao mestre. A novidade estava nos termos da proposta, na troca de lição e dinheiro, compra franca, positiva, toma lá, dá cá; tal foi a causa da sensação. Fiquei a olhar para ele, à toa, sem poder dizer nada.

Por que a proposta de Raimundo causou uma sensação esquisita em Pilar?

Compreende-se que o ponto da lição era difícil, e que o Raimundo, não o tendo aprendido, recorria a um meio que lhe pareceu útil para escapar ao castigo do pai. Se me tem pedido a coisa por favor, alcançá-la-ia do mesmo modo, como de outras vezes, mas parece que era lembrança das outras vezes, o medo de achar a minha vontade frouxa ou cansada, e não aprender como queria, - e pode ser mesmo que em alguma ocasião lhe tivesse ensinado mal, - parece que tal foi a causa da proposta. O pobre-diabo contava com o favor, - mas queria assegurar-lhe a eficácia, e daí recorreu à moeda que a mãe lhe dera e que ele guardava como relíquia ou brinquedo; pegou dela e veio esfregá-la nos joelhos, à minha vista, como uma tentação... Realmente, era bonita, fina, branca, muito branca; e para mim, que só trazia cobre no bolso, quando trazia alguma coisa, um cobre feio, grosso, azinhavrado...

Não queria recebê-la, e custava-me recusá-la. Olhei para o mestre, que continuava a ler, com tal interesse, que lhe pingava o rapé do nariz.

_ Ande, tome, dizia-me baixinho o filho. E a pratinha fuzilava-lhe entre os dedos, como se fora diamante... Em verdade, se o mestre não visse nada, que mal havia? E ele não podia ver nada, estava agarrado aos jornais, lendo com fogo, com indignação...

_ Tome, tome...

Relancei os olhos pela sala, e dei com os do Curvelo em nós; disse ao Raimundo que esperasse. Pareceu-me que o outro nos observava, então dissimulei; mas daí a pouco deitei-lhe outra vez o olho, e - tanto se ilude a vontade! - não lhe vi mais nada. Então cobrei ânimo.

_ Dê cá...

Raimundo deu-me a pratinha, sorrateiramente; eu meti-a na algibeira das calças, com um alvoroço que não posso definir. Cá estava ela comigo, pegadinha à perna. Restava prestar o serviço, ensinar a lição e não me demorei em fazê-lo, nem o fiz mal, ao menos conscientemente; passava-lhe a explicação em um retalho de papel que ele recebeu com cautela e cheio de atenção. Sentia-se que despendia um esforço cinco ou seis vezes maior para aprender um nada; mas contanto que ele escapasse ao castigo, tudo iria bem.

O que podemos entender quando o narrador diz que Raimundo deu-lhe a pratinha sorrateiramente?

Vocês acham que o professor Policarpo vai aprovar a atitude de Pilar e Raimundo? Por quê?

De repente, olhei para o Curvelo e estremei; tinha os olhos em nós, com um riso que me pareceu mau. Disfarcei; mas daí a pouco, voltando-me outra vez para ele, achei-o do mesmo modo, com o mesmo ar, acrescentando que entrava a remexer-se no banco, impaciente. Sorri para ele e ele não sorriu; ao contrário, franziu a testa, o que lhe deu um aspecto ameaçador. O coração bateu-me muito.

_ Precisamos muito cuidado, disse eu ao Raimundo.

_ Diga-me isto só, murmurou ele.

Fiz-lhe sinal que se calasse; mas ele instava, e a moeda, cá no bolso, lembrava-me o contrato feito. Ensinei-lhe o que era, disfarçando muito; depois, tornei a olhar para o Curvelo, que me pareceu ainda mais inquieto, e o riso, dantes mau, estava agora pior. Não é preciso dizer que também eu ficara em brasas, ansioso que a aula acabasse; mas nem o relógio andava como das outras vezes, nem o mestre fazia caso da escola; este lia os jornais, artigo por artigo, pontuando-os com exclamações, com gestos de ombros, com uma ou duas pancadinhas na mesa. E lá fora, no céu azul, por cima do morro, o mesmo eterno papagaio, guinando a um lado e outro, como se me chamasse a ir ter com ele. Imaginei-me ali, com os livros e a pedra embaixo da mangueira, e a pratinha no bolso das calças, que eu não daria a ninguém, nem que me serrassem; guardá-la-ia em casa, dizendo a mamãe que a tinha achado na rua. Para que me não fugisse, ia-a apalpando, roçando-lhe os dedos pelo cunho, quase lendo pelo tato a inscrição, com uma grande vontade de espiá-la.

_ Oh! seu Pilar! bradou o mestre com voz de trovão. Estremei como se acordasse de um sonho, e levantei-me às pressas. Dei com o mestre, olhando para mim, cara fechada, jornais dispersos, e ao pé da mesa, em pé, o Curvelo. Pareceu-me adivinhar tudo.

_ Venha cá! bradou o mestre.

Fui e parei diante dele. Ele enterrou-me pela consciência dentro um par de olhos pontudos; depois chamou o filho. Toda a escola tinha parado; ninguém mais lia, ninguém fazia um só movimento. Eu, conquanto não tirasse os olhos do mestre, sentia no ar a curiosidade e o pavor de todos.

_ Então o senhor recebe dinheiro para ensinar as lições aos outros? disse-me o Policarpo.

_ Eu...

_ Dê cá a moeda que este seu colega lhe deu! Clamou.

O que vocês acham que o professor Policarpo vai fazer?

Não obedeci logo, mas não pude negar nada. Continuei a tremer muito. Policarpo bradou de novo que lhe desse a moeda, e eu não resisti mais, meti a mão no bolso, vagarosamente, saquei-a e entreguei-lha. Ele examinou-a de um e outro lado, bufando de raiva; depois estendeu o braço e atirou-a à rua. E então disse-nos uma porção de coisas duras, que tanto o filho como eu acabávamos de praticar uma ação feia, indigna, baixa, uma vilania, e para emenda e exemplo íamos ser castigados. Aqui pegou da palmatória.

_ Perdão, seu mestre... soluzei eu.

_ Não há perdão! Dê cá a mão! Dê cá! Vamos! Sem-vergonha! Dê cá a mão!

_ Mas, seu mestre...

_ Olhe que é pior!

Estendi-lhe a mão direita, depois a esquerda, e fui recebendo os bolos uns por cima dos outros, até completar doze, que me deixaram as palmas vermelhas e inchadas. Chegou a vez do filho, e foi a mesma coisa; não lhe poupou nada, dois, quatro, oito, doze bolos. Acabou, pregou-nos outro sermão. Chamou-nos sem-vergonhas, desaforados, e jurou que se repetíssemos o negócio apanharíamos tal castigo que nos havia de lembrar para todo o sempre. E exclamava: Porcalhões! tratantes! faltos de brio!

**Vocês já conheciam a palmatória e para que ela era usada?
O que acham que Pilar fará com Curvelo por ter contado ao professor
seu segredo com Raimundo?**

Eu, por mim, tinha a cara no chão. Não ousava fitar ninguém, sentia todos os olhos em nós. Recolhi-me ao banco, soluçando, fustigado pelos impropérios do mestre. Na sala arquejava o terror; posso dizer que naquele dia ninguém faria igual negócio. Creio que o próprio Curvelo enfiara de medo. Não olhei logo para ele, cá dentro de mim jurava quebrar-lhe a cara, na rua, logo que saíssemos, tão certo como três e dois serem cinco.

Daí a algum tempo olhei para ele; ele também olhava para mim, mas desviou a cara, e penso que empalideceu. Compôs-se e entrou a ler em voz alta; estava com medo. Começou a variar de atitude, agitando-se à toa, coçando os joelhos, o nariz. Pode ser até que se arrependesse de nos ter denunciado; e na verdade, por que denunciar-nos? Em que é que lhe tirávamos alguma coisa?

_ Tu me pagas! tão duro como osso! dizia eu comigo.

Veio a hora de sair, e saímos; ele foi adiante, apressado, e eu não queria brigar ali mesmo, na Rua do Costa, perto do colégio; havia de ser na Rua larga São Joaquim.

Quando, porém, cheguei à esquina, já o não vi; provavelmente escondera-se em algum corredor ou loja; entrei numa botica, espiei em outras casas, perguntei por ele a algumas pessoas, ninguém me deu notícia. De tarde faltou à escola.

Em casa não contei nada, é claro; mas para explicar as mãos inchadas, menti a minha mãe, disse-lhe que não tinha sabido a lição. Dormi nessa noite, mandando ao diabo os dois meninos, tanto o da denúncia como o da moeda. E sonhei com a moeda; sonhei que, ao tornar à escola, no dia seguinte, dera com ela na rua, e a apanhara, sem medo nem escrúpulos...

De manhã, acordei cedo. A idéia de ir procurar a moeda fez-me vestir depressa. O dia estava esplêndido, um dia de maio, sol magnífico, ar brando, sem contar as calças novas que minha mãe me deu, por sinal que eram amarelas. Tudo isso, e a pratinha... Saí de casa, como se fosse trepar ao trono de Jerusalém. Piquei o passo para que ninguém chegasse antes de mim à escola; ainda assim não andei tão depressa que amarrotasse as calças. Não, que elas eram bonitas! Mirava-as, fugia aos encontros, ao lixo da rua...

Na rua encontrei uma companhia do batalhão de fuzileiros, tambor à frente, rufando. Não podia ouvir isto quieto. Os soldados vinham batendo o pé rápido, igual, direita, esquerda, ao som do rufo; vinham, passaram por mim, e foram andando. Eu senti uma comichão nos pés, e tive ímpeto de ir atrás deles. Já lhes disse: o dia estava lindo, e depois o tambor... Olhei para um e outro lado; afinal, não sei como foi, entrei a marchar também ao som do rufo, creio que cantarolando alguma coisa: Rato na casaca... Não fui à escola, acompanhei os fuzileiros, depois enfiei pela Saúde, e acabei a manhã na Praia da Gamboa. Voltei para casa com as calças enxovalhadas, sem pratinha no bolso nem ressentimento na alma. E contudo a pratinha era bonita e foram eles, Raimundo e Curvelo, que me deram o primeiro conhecimento, um da corrupção, outro da delação; mas o diabo do tambor...

O que acharam da solução de Pilar no final de tudo?

Terceiro momento: Leitura do conto “O diplomático” (3 aulas)

Iniciando o último momento de leitura, continuamos com o objetivo de aprofundar a ampliação de repertório e o letramento literário por meio do reconhecimento dos tipos e da construção ambígua das personagens machadianas agora no conto “O diplomático”.

Para despertar o interesse pela leitura, o docente indagará:

Vocês sabem o que é ser diplomático?

O que imaginam que será narrado nesse conto?

Que tipo de personagem poderemos encontrar nesse conto?

Vamos descobrir quem é esse diplomático?

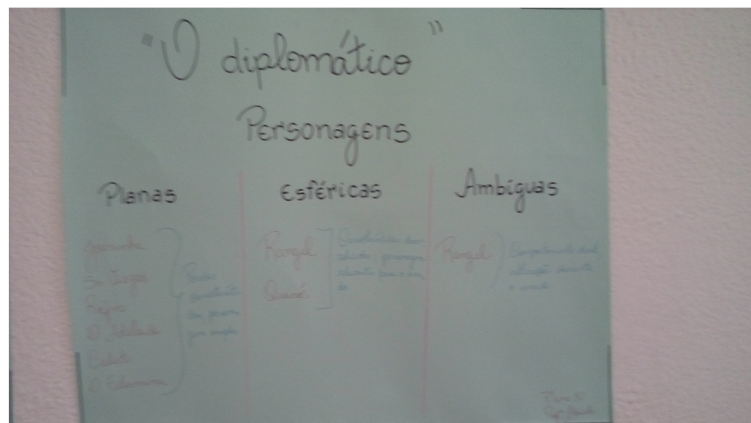
Desse modo, antes de começar a leitura o professor entregará as questões abaixo:

- 1) O que é narrado no conto?
- 2) O que podemos perceber dos hábitos das pessoas na sociedade carioca no século XIX?
- 3) A partir dos conhecimentos que construímos ao longo de nosso projeto, preencha o quadro de acordo com as personagens do conto. Retire fragmentos que confirmem sua classificação.

Personagens		
Plana(s)	Esférica(s)	Ambígua(s)

- 4) Observando o comportamento, a caracterização e os conflitos interiores de Rangel, por que podemos dizer que se trata de uma personagem de construção ambígua?
- 5) Levante hipóteses: por que a família de Joanhina não foi contrária à aproximação de Queirós com a moça?
- 6) Em sua opinião, o que essa aproximação planejada da personagem Queirós revela a respeito de sua personalidade?

Terminando a discussão das questões em sala, o professor e a turma produzirão mais um cartaz a partir da questão 3 sobre as personagens do conto.



Cartaz produzido em sala de aula com a participação da turma.

Por fim, o docente comunicará aos estudantes que, nas próximas aulas, eles escolherão uma das personagens estudadas para a criação de uma conversa por meio de aplicativo de mensagens entre Simão Bacamarte e uma personagem plana, que os discentes poderão escolher dentre as estudadas nas adaptações, nos perfis ou nos contos, e que deverá ser transformada de plana em personagem esférica, além de apresentar a ambiguidade em seu discurso e comportamento.

Mediação antes da leitura – Conto O diplomático

- 1) Vocês sabem o que é ser diplomático?
 - 2) O que imaginam que será narrado nesse conto?
 - 3) Que tipo de personagem poderemos encontrar nesse conto?
- Vamos descobrir quem é esse diplomático?

O diplomático

Machado de Assis

A preta entrou na sala de jantar, chegou-se à mesa rodeada de gente, e falou baixinho à senhora. Parece que lhe pedia alguma coisa urgente, porque a senhora levantou-se logo.

— Ficamos esperando, D. Adelaide? — Não espere, não, Sr. Rangel; vá continuando, eu entro depois.

Rangel era o leitor do livro de sortes. Voltou a página, e recitou um título: “Se alguém lhe ama em segredo.” Movimento geral; moças e rapazes sorriram uns para os outros. Estamos na noite de São João de 1854, e a casa é na rua das Mangueiras. Chama-se João o dono da casa, João Viegas, e tem uma filha, Joaninha. Usa-se todos os anos a mesma reunião de parentes e amigos, arde uma fogueira no quintal, assam-se as batatas do costume, e tiram-se sortes. Também há ceia, às vezes dança, e algum jogo de prendas, tudo familiar. João Viegas é escrivão de uma vara cível da Corte.

— Vamos. Quem começa agora? disse ele. Há de ser D. Felismina. Vamos ver se alguém lhe ama em segredo. D. Felismina sorriu amarelo. Era uma boa quarentona, sem prendas nem rendas, que vivia espiando um marido por baixo das pálpebras devotas. Em verdade, o gracejo era duro, mas natural. D. Felismina era o modelo acabado daquelas criaturas indulgentes e mansas, que parecem ter nascido para divertir os outros. Pegou e lançou os dados com um ar de complacência incrível. Número dez, bradaram duas vezes. Rangel desceu os olhos ao baixo da página, viu a quadra correspondente ao número, e leu-a: dizia que sim, que havia uma pessoa, que ela devia procurar domingo, na igreja, quando fosse à missa. Toda a mesa deu parabéns a D. Felismina, que sorriu com desdém, mas interiormente esperançada. Outros pegaram nos dados, e Rangel continuou a ler a sorte de cada um. Lia espevitadamente. De quando em quando, tirava os óculos e limpava-os com muito vagar na ponta do lenço de cambraia, — ou por ser cambraia, — ou por exalar um fino cheiro de bogari. Presumia de grande maneira, e ali chamavam-lhe “o diplomático”.

— Ande, seu diplomático, continue.

Rangel estremeceu; esquecer-se de ler uma sorte, embebido em percorrer a fila de moças que ficava do outro lado da mesa. Namorava alguma? Vamos por partes. Era solteiro, por obra das circunstâncias, não de vocação. Em rapaz teve alguns namoricos de esquina, mas com o tempo apareceu-lhe a comichão das grandezas, e foi isto que lhe prolongou o celibato até os quarenta e um anos, em que o vemos. Cobiçava alguma noiva superior a ele e à roda em que vivia, e gastou o tempo em esperá-la. Chegou a freqüentar os bailes de um advogado célebre e rico, para quem copiava papéis, e que o protegia muito. Tinha nos bailes a mesma posição subalterna do escritório; passava a noite vagando pelos corredores, espiando o salão, vendo passar as senhoras, devorando com os olhos uma multidão de espáduas magníficas e talhes graciosos.

Invejava os homens, e copiava-os. Saía dali excitado e resoluto. Em falta de bailes, ia às festas de igreja, onde poderia ver algumas das primeiras moças da cidade. Também era certo no saguão do paço imperial, em dia de cortejo, para ver entrar as grandes damas e as pessoas da corte, ministros, generais, diplomatas, desembargadores, e conhecia tudo e todos, pessoas e carruagens. Voltava da festa e do cortejo, como voltava do baile, impetuoso, ardente, capaz de arrebatá-lo de um lance a palma da fortuna.

O pior é que entre a espiga e a mão há o tal muro do poeta, e o Rangel não era homem de saltar muros. De imaginação fazia tudo, raptava mulheres e destruía cidades. Mais de uma vez foi, consigo mesmo, ministro de Estado, e fartou-se de cortesias e decretos. Chegou ao extremo de aclamar-se imperador, um dia, 2 de dezembro, ao voltar da parada no largo do Paço; imaginou para isso uma revolução, em que derramou algum sangue, pouco, e uma ditadura benéfica, em que apenas vingou alguns pequenos desgostos de escrevente. Cá fora, porém, todas as suas proezas eram fábulas. Na realidade, era pacato e discreto.

Aos quarenta anos desenganou-se das ambições; mas a índole ficou a mesma, e, não obstante a vocação conjugal, não achou noiva. Mais de uma o aceitaria com muito prazer; ele perdia-as todas, à força de circunspeção. Um dia, reparou em Joaninha, que chegava aos dezenove anos e possuía um par de olhos lindos e sossegados, — virgens de toda a conversação masculina. Rangel conhecia-a desde criança, andava com ela ao colo, no Passeio Público, ou nas noites de fogo da Lapa; como falar-lhe de amor? Mas, por outro lado, as relações dele na casa eram tais, que podiam facilitar-lhe o casamento; e, ou este ou nenhum outro.

Analisando a leitura até aqui, por que Rangel era chamado de “o diplomático”?

Desta vez, o muro não era alto, e a espiga era baixinha; bastava esticar o braço com algum esforço, para arrancá-la do pé. Rangel andava neste trabalho desde alguns meses. Não esticava o braço, sem espiar primeiro para todos os lados, a ver se vinha alguém, e, se vinha alguém, disfarçava e ia-se embora. Quando chegava a esticá-lo, acontecia que uma lufada de vento meneava a espiga ou algum passarinho andava ali nas folhas secas, e não era preciso mais para que ele recolhesse a mão. Ia-se assim o tempo, e a paixão entranhava-se-lhe, causa de muitas horas de angústia, a que seguiam sempre melhores esperanças. .

Agora mesmo traz ele a primeira carta de amor, disposto a entregá-la. Já teve duas ou três ocasiões boas, mas vai sempre espaçando; a noite é tão comprida! Entretanto, continua a ler as sortes, com a solenidade de um áugur. Tudo, em volta, é alegre. Cochicham ou riem, ou falam ao mesmo tempo. O tio Rufino, que é o gaiato da família, anda à roda da mesa com uma pena, fazendo cócegas nas orelhas das moças. João Viegas está ansioso por um amigo, que se demora, o

Calisto. Onde se meteria o Calisto? — Rua, rua, preciso da mesa; vamos para a sala de visitas.

Era D. Adelaide que tornava; ia pôr-se a mesa para a ceia. Toda a gente emigrou, e andando é que se podia ver bem como era graciosa a filha do escrivão. Rangel acompanhou-a com grandes olhos namorados. Ela foi à janela, por alguns instantes, enquanto se preparava um jogo de prendas, e ele foi também; era a ocasião de entregar-lhe a carta.

Defronte, numa casa grande, havia um baile, e dançava-se. Ela olhava, ele olhou também. Pelas janelas viam passar os pares, cadenciados, as senhoras com as suas sedas e rendas, os cavalheiros finos e elegantes, alguns condecorados. De quando em quando, uma faísca de diamantes, rápida, fugitiva, no giro da dança. Pares que conversavam, dragonas que reluziam, bustos de homem inclinados, gestos de leques, tudo isso em pedaços, através das janelas, que não podiam mostrar todo o salão, mas adivinhava-se o resto. Ele ao menos conhecia tudo, e dizia tudo à filha do escrivão. O demônio das grandezas, que parecia dormir, entrou a fazer as suas arlequinadas no coração do nosso homem, e ei-lo que tenta seduzir também o coração da outra.

— Conheço uma pessoa que estaria ali muito bem, murmurou Rangel.

E Joaquina, com ingenuidade: — Era o senhor.

Rangel sorriu lisonjeado, e não achou que dizer. Olhou para os lacaios e cocheiros, de libré, na rua conversando em grupos ou reclinados no tejadilho dos carros. Começou a designar carros: este é do Olinda, aquele é do Maranguape; mas aí vem outro, rodando, do lado da rua da Lapa, e entra na rua das Mangueiras. Parou defronte: salta o laçao, abre a portinhola, tira o chapéu e perfila-se. Sai de dentro uma calva, uma cabeça, um homem, duas comendas, depois uma senhora ricamente vestida; entram no saguão, e sobem a escadaria, forrada de tapete e ornada embaixo com dois grandes vasos.

— Joaquina, Sr. Rangel...

Maldito jogo de prendas! Justamente quando ele formulava, na cabeça, uma insinuação a propósito do casal que subia, e ia assim passar naturalmente à entrega da carta...

Rangel obedeceu, e sentou-se defronte da moça. D. Adelaide, que dirigia o jogo de prendas, recolhia os nomes; cada pessoa devia ser uma flor. Está claro que o tio Rufino, sempre gaiato, escolheu para si a flor da abóbora. Quanto ao Rangel, querendo fugir ao trivial, comparou mentalmente as flores, e quando a dona da casa lhe perguntou pela dele, respondeu com doçura e pausa: — Maravilha, minha senhora.

— O pior é não estar cá o Calisto! suspirou o escrivão.

— Ele disse mesmo que vinha? — Disse; ainda ontem foi ao cartório, de propósito, avisar-me de que viria tarde, mas que contasse com ele: tinha de ir a uma brincadeira na rua da Carioca...

— Licença para dous! bradou uma voz no corredor.

— Ora graças! está aí o homem! João Viegas foi abrir a porta; era o Calisto, acompanhado de um rapaz estranho, que ele apresentou a todos em geral: — “Queirós, empregado na Santa Casa; não é meu parente, apesar de se parecer muito comigo; quem vê um, vê outro...” Toda a gente riu; era uma pilhéria do Calisto, feio como o diabo, — ao passo que o Queirós era um bonito rapaz de vinte e seis a vinte e sete anos, cabelo negro, olhos negros e singularmente esbelto. As moças retraíram-se um pouco; D. Felismina abriu todas as velas.

— Estávamos jogando prendas, os senhores podem entrar também, disse a dona da casa. Joga, Sr. Queirós? Queirós respondeu afirmativamente e passou a examinar as outras pessoas. Conhecia algumas, e trocou duas ou três palavras com elas. Ao João Viegas disse que desde muito tempo desejava conhecê-lo, por causa de um favor que o pai lhe deveu outrora, negócio de foro. João Viegas não se lembrava de nada, nem ainda depois que ele lhe disse o que era; mas gostou de ouvir a notícia, em público, olhou para todos, e durante alguns minutos regalou-se calado. Queirós entrou em cheio no jogo. No fim de meia hora, estava familiar da casa. Todo ele era ação, falava com desembaraço, tinha os gestos naturais e espontâneos. Possuía um vasto repertório de castigos para jogo de prendas, coisa que encantou a toda a sociedade, e ninguém os dirigia melhor, com tanto movimento e animação, indo de um lado para outro, concertando os grupos, puxando cadeiras, falando às moças, como se houvesse brincado com elas em criança.

— D. Joanhina aqui, nesta cadeira; D. Cesária, deste lado, em pé, e o Sr. Camilo entra por aquela porta... Assim, não: olhe, assim de maneira que...

Teso na cadeira, o Rangel estava atônito. Donde vinha esse furacão?

E o furacão ia soprando, levando os chapéus dos homens, e despenteando as moças, que riam de contentes: Queirós daqui, Queirós dali, Queirós de todos os lados. Rangel passou da estupefação à mortificação. Era o cetro que lhe caía das mãos. Não olhava para o outro, não se ria do que ele dizia, e respondia-lhe seco. Interiormente, mordida-se e mandava-o ao diabo, chamava-o bobo alegre, que fazia rir e agradava, porque nas noites de festa tudo é festa. Mas, repetindo essas e piores coisas, não chegava a reaver a liberdade de espírito. Padecia deveras, no mais íntimo do amor-próprio; e o pior é que o outro percebeu toda essa agitação, e o péssimo é que ele percebeu que era percebido.

**Por que Rangel se incomodou tanto com as atitudes de Queirós?
Em que elas poderiam prejudicá-lo?**

Rangel, assim como sonhava os bens, assim também as vinganças. De cabeça, espatifou o Queirós; depois cogitou a possibilidade de um desastre qualquer, uma dor bastava, mas coisa forte, que levasse dali aquele intruso. Nenhuma dor, nada; o diabo parecia cada vez mais lépido, e toda a sala fascinada por ele. A própria Joaninha, tão acanhada, vibrava nas mãos de Queirós, como as outras moças; e todos, homens e mulheres, pareciam empenhados em servi-lo. Tendo ele falado em dançar, as moças foram ter com o tio Rufino, e pediram que tocasse uma quadrilha na flauta, uma só, não se lhe pedia mais.

— Não posso, dói-me um calo.

— Flauta? bradou o Calisto. Peçam ao Queirós que nos toque alguma coisa, e verão o que é flauta... Vai buscar a flauta, Rufino. Ouçam o Queirós. Não imaginam como ele é saudosos na flauta! Queirós tocou a Casta Diva. Que coisa ridícula! dizia consigo o Rangel — uma música que até os moleques assobiam na rua. Olhava para ele, de revés, para considerar se aquilo era posição de homem sério; e concluía que a flauta era um instrumento grotesco. Olhou também para Joaninha, e viu que, como todas as outras pessoas, tinha a atenção no Queirós, embebida, namorada dos sons da música, e estremeceu, sem saber por quê. Os demais semblantes mostravam a mesma expressão dela, e, contudo, sentiu alguma coisa que lhe complicou a aversão ao intruso. Quando a flauta acabou, Joaninha aplaudiu menos que os outros, e Rangel entrou em dúvida se era o habitual acanhamento, se alguma especial comoção... Urgia entregar-lhe a carta.

Chegou a ceia. Toda a gente entrou confusamente na sala, e felizmente para o Rangel, coube-lhe ficar defronte de Joaninha, cujos olhos estavam mais belos que nunca e tão derramados, que não pareciam os do costume.

Rangel saboreou-os caladamente, e reconstruiu todo o seu sonho que o diabo do Queirós abalara com um piparote. Foi assim que tornou a ver-se, ao lado dela, na casa que ia alugar, berço de noivos, que ele enfeitou com os ouros da imaginação. Chegou a tirar um prêmio na loteria e a empregá-lo todo em sedas e jóias para a mulher, a linda Joaninha — Joaninha Rangel — D. Joaninha Rangel — D. Joana Viegas Rangel — ou D. Joana Cândida Viegas Rangel... Não podia tirar o Cândida...

— Vamos, uma saúde, seu diplomático... faça uma saúde daquelas... Rangel acordou; a mesa inteira repetia a lembrança do tio Rufino; a própria Joaninha pedia-lhe uma saúde, como a do ano passado. Rangel respondeu que ia obedecer; era só acabar aquela asa de galinha. Movimento, cochichos de louvor; D. Adelaide, dizendo-lhe uma moça que nunca ouvira falar o Rangel: — Não? perguntou com pasmo. Não imagina; fala muito bem, muito explicado, palavras escolhidas, e uns bonitos modos...

Comendo, ia ele dando rebate a algumas reminiscências, frangalhos de idéias, que lhe serviam para o arranjo das frases e metáforas. Acabou e pôs-se de pé. Tinha o ar satisfeito e cheio de si. Afinal, vinham bater-lhe à porta. Cessara a farandolagem das anedotas, das pilhérias sem alma, e vinham ter com ele para ouvir alguma coisa correta e grave. Olhou em derredor, viu todos os olhos levantados, esperando. Todos não; os de Joaninha enviesavam-se na direção do Queirós, e os deste vinham esperá-los a meio caminho, numa cavalgada de promessas. Rangel empalideceu. A palavra morreu-lhe na garganta; mas era preciso falar, esperavam por ele, com simpatia, em silêncio.

Obedeceu mal. Era justamente um brinde ao dono da casa e à filha. Chamava a esta um pensamento de Deus, transportado da imortalidade à realidade, frase que empregara três anos antes, e devia estar esquecida. Falava também do santuário da família, do altar da amizade, e da gratidão, que é a flor dos corações puros. Onde não havia sentido, a frase era mais especiosa ou retumbante. Ao todo, um brinde de dez minutos bem puxados, que ele despachou em cinco e sentou-se. Não era tudo. Queirós levantou-se logo, dois ou três minutos depois, para outro brinde, e o silêncio foi ainda mais pronto e completo. Joaninha meteu os olhos no regaço, vexada do que ele iria dizer; Rangel teve um arrepio.

— O ilustre amigo desta casa, o Sr. Rangel — disse Queirós, — bebeu às duas pessoas cujo nome é o do santo de hoje; eu bebo àquela que é a santa de todos os dias, a D. Adelaide. Grandes aplausos aclamaram esta lembrança, e D. Adelaide, lisonjeada, recebeu os cumprimentos de cada conviva. A filha não ficou em cumprimentos.

— Mamãe! mamãe! exclamou, levantando-se; e foi abraçá-la e beijá-la três e quatro vezes; — espécie de carta para ser lida por duas pessoas.

O que Queirós pretendia ao propor o brinde à D. Adelaide?

Rangel passou da cólera ao desânimo, e, acabada a ceia, pensou em retirar-se. Mas a esperança, demônio de olhos verdes, pediu-lhe que ficasse, e ficou. Quem sabe? Era tudo passageiro, cousas de uma noite, namoro de São João; afinal, ele era amigo da casa, e tinha a estima da família; bastava que pedisse a moça, para obtê-la. E depois esse Queirós podia não ter meios de casar. Que emprego era o dele na Santa Casa? Talvez alguma coisa reles... Nisto, olhou obliquamente para a roupa de Queirós, enfiou-se-lhe pelas costuras, escrutou o bordadinho da camisa, apalpou os joelhos das calças, a ver-lhe o uso, e os sapatos, e concluiu que era um rapaz caprichoso, mas provavelmente gastava tudo consigo, e casar era negócio sério. Podia ser também que tivesse mãe viúva, irmãs solteiras... Rangel era só.

— Tio Rufino, toque uma quadrilha.

— Não posso; flauta depois de comer faz indigestão. Vamos a um víspera. Rangel declarou que não podia jogar, estava com dor de cabeça: mas Joanhinha veio a ele e pediu-lhe que jogasse com ela, de sociedade. — “Meia coleção para o senhor, e meia para mim”, disse ela, sorrindo; ele sorriu também e aceitou. Sentaram-se ao pé um do outro. Joanhinha falava-lhe, ria, levantava para ele os belos olhos, inquieta, mexendo muito a cabeça para todos os lados. Rangel sentiu-se melhor, e não tardou que se sentisse inteiramente bem. Ia marcando à toa, esquecendo alguns números, que ela lhe apontava com o dedo, — um dedo de ninfa, dizia ele, consigo; e os descuidos passaram a ser de propósito, para ver o dedo da moça, e ouviu-la ralhar: “O senhor é muito esquecido; olhe que assim perdemos o nosso dinheiro...” Rangel pensou em entregar-lhe a carta por baixo da mesa; mas não estando declarados, era natural que ela a recebesse com espanto e estragasse tudo; cumpria avisá-la. Olhou em volta da mesa: todos os rostos estavam inclinados sobre os cartões, seguindo atentamente os números. Então, ele inclinou-se à direita, e baixou os olhos aos cartões de Joanhinha, como para verificar alguma coisa.

— Já tem duas quadras, cochichou ele.

— Duas, não; tenho três.

— Três, é verdade, três. Escute...

— E o senhor? — Eu duas.

— Que duas o quê? São quatro.

Eram quatro; ela mostrou-lhas inclinada, roçando quase a orelha pelos lábios dele; depois, fitou-o rindo e abanando a cabeça: “O senhor! o senhor!” Rangel ouviu isto com singular deleite; a voz era tão doce, e a expressão tão amiga, que ele esqueceu tudo, agarrou-a pela cintura, e lançou-se com ela na eterna valsa das quimeras. Casa, mesa, convivas, tudo desapareceu, como obra vã da imaginação, para só ficar a realidade única, ele e ela, girando no espaço, debaixo de um milhão de estrelas, acesas de propósito para alumiar-los.

Por que Rangel estava tão desanimado e alheio a tudo nesse momento?

Nem carta, nem nada. Perto da manhã foram todos para a janela ver sair os convidados do baile fronteiro. Rangel recuou espantado. Viu um aperto de dedos entre o Queirós e a bela Joaninha. Quis explicá-lo, eram aparências, mas tão depressa destruía uma como vinham outras e outras, à maneira das ondas que não acabam mais. Custava-lhe entender que uma só noite, algumas horas bastassem a ligar assim duas criaturas; mas era a verdade clara e viva dos modos de ambos, dos olhos, das palavras, dos risos, e até da saudade com que se despediram de manhã.

Saiu tonto. Uma só noite, algumas horas apenas! Em casa, aonde chegou tarde, deitou-se na cama, não para dormir, mas para romper em soluços. Só consigo, foi-se-lhe o aparelho da afetação, e já não era o diplomático, era o energúmeno, que rolava na casa, bradando, chorando como uma criança, infeliz deveras, por esse triste amor do outono. O pobre-diabo, feito de devaneio, indolência e afetação, era, em substância, tão desgraçado como Otelo, e teve um desfecho mais cruel. Otelo mata Desdêmona; o nosso namorado, em quem ninguém pressentira nunca a paixão encoberta, serviu de testemunha ao Queirós, quando este se casou com Joaninha, seis meses depois.

Nem os acontecimentos, nem os anos lhe mudaram a índole. Quando rompeu a guerra do Paraguai, teve idéia muitas vezes de alistar-se como oficial de voluntários; não o fez nunca; mas é certo que ganhou algumas batalhas e acabou brigadeiro.

Vocês conhecem a história de Otelo e Desdêmona? Como os estudantes não conheciam, a docente explicou a referência feita no texto para que os estudantes compreendessem a inferência.

Etapa 5: “Personagem em diálogo” - Avaliação (4 aulas)

Nesta última etapa da intervenção pedagógica, o professor vai propor aos estudantes uma atividade avaliativa, em dupla, de produção textual a partir da criação de um diálogo por aplicativo de mensagem instantânea entre Simão Bacamarte e uma personagem plana, que os discentes poderão escolher dentre as estudadas nas adaptações, nos perfis ou nos contos.

Dessa forma, os estudantes deverão produzir um diálogo entre as personagens por meio do qual seja possível perceber a transformação da personagem plana escolhida em personagem esférica. Assim, a personagem deverá apresentar modificações perceptíveis que demonstrem sua esfericidade e também a ambiguidade em seu comportamento e discurso nas conversas.

Assim, após a avaliação dos textos, nosso objetivo é organizar um café literário com a turma para apresentar os resultados da intervenção pedagógica e valorizar todo o processo de intervenção pelo qual os estudantes passaram e, assim, continuar a motivá-los para outras leituras de obras canonizadas ou não, sem perder de vista o processo de letramento literário e a ampliação de repertório.



Alunos do 7º ano 10 da escola E. Dr. Norberto Custódio Ferreira, em Cataguases MG, produzindo os diálogos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Luiz Antônio. LOBO, Cesar. **O Alienista, Machado de Assis – Clássicos Brasileiros em HQ**. São Paulo: Ática, 2013.

ASSIS, Machado de. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1985. Vol. 2 (org. Afrânio Coutinho).

AURÉLIO Online. < <https://dicionariodoaurelio.com/adaptacao> >. Acessado em: 24/01/2019.

BRAIT, Beth. **A personagem**. 9.ed. São Paulo: Contexto, 2017.

BOSI, Alfredo. Machado de Assis - **O enigma do Olhar**. São Paulo: Editora Ática, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC**. Brasília, DF, 2017.

CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 1995. p.171 – 193.

_____; GOMES, Paulo Emílio Salles; PRADO, Décio de Almeida e ROSENFELD, Anatol. **A Personagem de Ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

CHIARA, Ana Cristina; SECCHIN, Antônio Carlos; BRASIL, Denise; BARBIERI, Ivo (orgs.) **Machado para jovens leitores**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2008.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros**. São Paulo: Global, 2007.

CORDEIRO, Marcos Rogério. **A teoria dos personagens em Machado de Assis**. Língua e Literatura, São Paulo, v. 28, p. 273-301, dez. 2004.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2016.

_____. **Círculos de leitura e letramento literário**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2018.

DELL'ISOLA, Regina L. P. **O efeito das perguntas para o estudo de texto na compreensão da leitura**. Cadernos de Pesquisa. Belo Horizonte: NAPq/FALE/UFMG, n.23, mar. 2001.

ENGEL, Irineu Guido. **Pesquisa-ação**. Educar, Curitiba, n.16, p.181-191. Editora da PFPR, 2000.

EVEN-ZOHAR, Itamar. **Teoria dos polissistemas**. Tradução de Marozo, Luis Fernando et al. Translatio, n. 4. p. 2-21. 2013. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/translatio/article/viewFile/42899/27134>. Acesso em: 05 agosto de 2018.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam**. 32 ed. São Paulo: Cortez, 1996 – Coleção Questões de Nossa Época, v.13.

GUIMARÃES, Alexandre Huady Torres. BATISTA, Ronaldo de Oliveira (Orgs.). **Língua e Literatura: Machado de Assis na sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2012.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas e SANCHETTA, Vladimir (consultores). CLB – **Cadernos de Literatura Brasileira. Machado de Assis**. Instituto Moreira Salles, números 23 e 24/julho de 2008. Disponível em:< https://issuu.com/ims_instituto_moreira_salles/docs/clb_-_machado_de_assis_-_geral>. Acesso em: 15 de abril de 2019.

HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da adaptação**. 2ed. Florianópolis: UFSC, 2013. (Tradução: André Cechinel)

ISER, Wolfgang. **O repertório do texto**. In: **O ato da leitura. Uma teoria do efeito estético**. Vol. 1. São Paulo; Ed. 34, 1996.

KOCH, Ingedore G. Villaça; ELIAS, Vanda Maria. 3. ed. **Ler e compreender os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2010.

LINDEN, Sophie Vander. **Para ler o livro ilustrado**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

Machado de Assis: um mestre na periferia. <https://api.tvescola.org.br/tve/video/mestres-da-literatura-machado-de-assis-um-mestre-na-periferia>. Acessado em: 29/01/2019

MCCLLOUD, Scott. **Desenhando quadrinhos**. São Paulo: M.BOOKS, 2005.

_____. **Desvendando os quadrinhos**. São Paulo: M.BOOKS, 2008.

MOURA, Ana Aparecida Vieira de. MARTINS, Luzineth Rodrigues. **A mediação da leitura: do projeto à sala de aula**. In: Bortoni-Ricardo, Stella Maris et al. (Org.). **Leitura e Mediação Pedagógica**. São Paulo: Parábola, 2012, p. 87-112.

O ALIENISTA e as aventuras de um barnabé. Direção geral Guel Arraes. São Paulo: Globo Marcas, 1993. 1 DVD.

PAULINO, Graça. **Formação de leitores: a questão dos cânones literários**. Revista Portuguesa de Educação, vol.17, núm. 1, 2004, pp. 47-62. Universidade do Minho. Braga, Portugal.

_____; COSSON, Rildo. **Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola**. In: ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tania (Org.). Escola e Leitura: velha crise, novas alternativas. São Paulo: Global, 2009, p. 61-79.

SCHWARZ, Roberto. **Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis**. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2000.

SCHWARZ, Roberto. GIANOTTI, José Arthur. OLIVEIRA, Francisco de et al. **Machado de Assis: um debate**, Novos Estudos CEBRAP. São Paulo, n. 29, p. 59-84, mar. 1991.

SOARES, Magda. **A escolarização da literatura infantil e juvenil**. In: **Escolarização da Leitura Literária: O Jogo do Livro Infantil e Juvenil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1986.

VERÍSSIMO, José. **História da Literatura Brasileira: de Bento Teixeira (1601) à Machado de Assis (1908)**. 4ª ed. Brasília: UNB, 1993.

VOLTAR PARA O INÍCIO

